

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Vivian Valerie Carol Ann Vigar**

**Pós-verdade:**

**um sintoma social analisado a partir da teoria dos discursos de Lacan**

**DOUTORADO EM  
LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**São Paulo**

**2022**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Vivian Valerie Carol Ann Vigar**

**Pós-verdade:**

**Um sintoma social analisado a partir da teoria dos discursos de Lacan**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM, sob a orientação da Prof.(a) Doutora Maria Francisca de Andrade Ferreira Lier-Devitto.

São Paulo

2022

Vivian Valerie Carol Ann Vigar

Pós-verdade:

Um sintoma social analisado a partir da teoria dos discursos de Lacan

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, área de concentração patologias da linguagem.

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Dr. Alfredo Néstor Jerusalinsky – FAFIRE

---

Dra. Fani Hisgail – PUC/SP

---

Dr. Paulo Antônio de Campo Beer – USP

---

Dra. Lucia Arantes – PUC/SP

---

Dra. Maria Francisca Lier-Devitto – PUC/SP

Ao meu pai, Godfrey Piers Vigar  
Ao pai de meu filho, Uirá Rebouças da Silva Pinto

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – nº do processo 88887.308316/2018-0

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que sempre me transmitiu com carinho todo apoio para prosseguir com minha formação.

Ao meu pai e ao meu padrasto, que me ensinaram, igualmente, a lutar pelas conquistas que tenho buscado na vida.

Ao Zé, que no meio deste trabalho, transformou a minha vida com o amor que me faltava.

Ao Thomas, meu filho, que acompanha minhas pesquisas, desde o mestrado, muitas vezes trazendo perguntas e opiniões pertinentes e inusitadas.

Aos colegas da turma de doutorado da PUC/SP com quem tive a oportunidade de discutir questões referentes à Psicanálise e Linguística.

Aos colegas da Casa do Todos, pelas conversas sobre diversos temas da clínica psicoterapêutica de várias vertentes.

Aos amigos, pelo aprendizado permanente e discussões sobre a subjetividade de nossa época.

À Maria Francisca Lier-Devitto, que com suas pontuações possibilitou a abertura da minha escrita e da minha leitura.

À Lucia Arantes, Paulo Beer e Fani Hisgail, que contribuíram com suas indicações ao longo das qualificações.

Ao Alfredo Jerusalisky por acreditar em minha pesquisa e aceitar a participação na banca final.

Aos colegas Durval Mazzei, Denise Maurano, Mauro Mendes e José Waldemar Thiesen Turna que escutaram as minhas ideias mais mirabolantes, quase sempre, me apoiando. Outras vezes, me parando.

À Tetê Martins pela revisão atenciosa e precisa da tese.

Aos amigos do Núcleo de Psicanálise e Psicoses pelo espaço de aprendizado e transmissão da clínica e teoria psicanalítica.

À Maria Lúcia dos Reis, secretária do departamento de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC, por toda atenção e apoio burocrático, desde minha inscrição no programa.

## RESUMO

VIGAR, Vivian Valerie Carol Ann. **Pós-verdade: um sintoma social analisado a partir da teoria dos discursos de Lacan.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2022.

Este trabalho tem como objetivo geral investigar, através da Psicanálise, isso que em nossa cultura denominamos de “pós-verdade” e que, na presente pesquisa, desde o campo em que estamos inseridos, defendemos como um sintoma social, cujos efeitos são percebidos no sujeito e no laço social, principalmente, através das *fake news*. Assim, para situar a pós-verdade no campo da Psicanálise, fez-se necessário demarcar suas causas e seus efeitos, traçando a diferença entre, por um lado, as manifestações mais diretas da pós-verdade, as *fake news*, e por outro lado, alguns fenômenos subjetivos ligados a crenças religiosas e ideológicas, o negacionismo científico, o revisionismo histórico e as teorias conspiratórias, que acabam por alicerçarem a pós-verdade. Na generalidade, a pós-verdade é fomentada por narrativas e relatos que confundem o discernimento entre o falso e o verdadeiro, prejudicando a tomada de decisões concernentes à esfera pública. Assim, entendemos que, amparada pelo pressuposto da liberdade de expressão, a pós-verdade é um sintoma que supõe a desresponsabilização da fala, ostentando a voz da injunção ao gozo, da imperiosa busca por satisfação de prazer no campo social, e se tornando um problema para a empreitada humana rumo ao progresso da civilização em oposição à barbárie. Tendo como instrumento principal de investigação a teoria dos discursos, formulada por Jacques Lacan e se apoiando em autores psicanalistas que, junto a Sigmund Freud, sustentam a equivalência da psicologia individual para a psicologia social, procuramos fazer uma leitura através dos conceitos psicanalíticos e das sobredeterminações simbólicas e imaginárias que visam tamponar o real do laço social com mentiras e absurdos. Finalmente, concluímos que a pós-verdade se trata de um sintoma social intimamente ligado à ideologia do capitalismo neoliberal e visa, através da promessa de gozo contínuo a fim de abolir a luta de classes, perpetuando as relações de dominação e exploração e mantendo a população subserviente às leis do mercado.

**Palavras-chave:** pós-verdade; sintoma social; teoria dos discursos; Lacan; Psicanálise.

## ABSTRACT

The general objective of this work is to investigate, through Psychoanalysis, what in our culture we call "post-truth" and which, in the present research, from the field in which we are inserted, we defend as a social symptom, whose effects are perceived in the subject and in the social bond, mainly through fake news. Thus, in order to place post-truth in the field of Psychoanalysis, it was necessary to demarcate its causes and effects, tracing the difference between, on the one hand, the most direct manifestations of post-truth, fake news, and on the other hand, some subjective phenomena linked to religious and ideological beliefs, scientific denialism, historical revisionism and conspiracy theories, which end up underpinning post-truth. In general, post-truth is fostered by narratives and reports that confuse the discernment between the false and the true, harming decision-making concerning the public sphere. Thus, we understand that, supported by the presupposition of freedom of expression, post-truth is a symptom that supposes the lack of responsibility of speech, bearing the voice of the injunction to jouissance, of the imperative search for satisfaction of pleasure in the social field, and becoming a problem for the human endeavor towards the progress of civilization in opposition to barbarism. Having as main instrument of investigation the theory of discourses, formulated by Jacques Lacan and supported by psychoanalysts authors who, together with Sigmund Freud, support the equivalence of individual psychology to social psychology, we seek to make a reading through psychoanalytic concepts and overdeterminations. symbolic and imaginary that aim to buffer the real of the social bond with lies and absurdities. Finally, we conclude that post-truth is a social symptom closely linked to the ideology of neoliberal capitalism and aims, through the promise of continuous enjoyment, in order to abolish class struggle, perpetuating relations of domination and exploitation and maintaining the population subservient to the laws of the market.

Keywords: post-truth; social symptom; discourse theory; Lacan; Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
A Psicanálise, o campo social e a massa .....	21
A ideologia multiculturalista e o neoliberalismo .....	24
Os fenômenos que sustentam as fake news .....	26
Realidade e verdade para a Psicanálise .....	28
Memorial .....	31
Da continuidade de nossa trajetória acadêmica ao presente trabalho.....	39
1. A QUESTÃO DA VERDADE: DIREÇÕES .....	43
1.1. A verdade como problema filosófico.....	45
1.2. Verdade: conhecimento científico e revelação .....	47
1.3. Paulo Beer: verdade, produção de conhecimento e sofrimento psíquico .....	51
1.4. A Efeitos de outra racionalidade: A Verdade entre conhecimento e estilo .....	56
1.5. Gilson Iannini: estilo e verdade .....	57
1.6. O “inconsciente freudiano”: a nova racionalidade.....	59
REFERÊNCIAS .....	70

## INTRODUÇÃO

*Existem acontecimentos históricos que só podem ser julgados em termos de sintoma.*

(LACAN, [1969-1970] 1992, p. 193)

Publicado pela revista *The Nation*, nos Estados Unidos, o artigo “*A government of lies*”, de Steve Tesich, não apenas citava as mentiras da “década de corrupção e ambição” (TESICH, 1992, p. 13, tradução nossa) dos governos de Ronald Reagan e George H. W. Bush, mas, mais do que isso, justificava como, diante de tantos escândalos políticos que resultavam em pouca ou nenhuma penalidade para os responsáveis, nós nos acomodamos em dispensar as verdades para protegermos nossa honra. É nesse artigo de 1992 que encontramos, pela primeira vez, o termo “pós-verdade”.

Nós estamos nos tornando, rapidamente, protótipos de pessoas que os monstros totalitários sempre sonharam. Até agora, todos os ditadores trabalharam duro para suprimir a verdade. Por nossas ações, estamos dizendo a eles que isso não é mais necessário, que nós adquirimos um mecanismo espiritual capaz de destituir qualquer significância da verdade. De maneira muito fundamental, nós, como pessoas livres, decidimos que queremos viver em um mundo de pós-verdade. (TESICH, 1992, p. 13, tradução nossa)<sup>1</sup>

Tesich nasceu em 1943, na Sérvia ocupada pelos nazistas e, aos 14 anos, mudou-se para os Estados Unidos com a mãe e a irmã, onde se formou em Literatura e escreveu peças teatrais e roteiros de cinema para a *Off-Broadway* e Hollywood<sup>2</sup>, até a sua morte, em 1996, decorrente de um ataque cardíaco.

Assemelhando-se com a constatação de Freud, em “Psicologia das massas e análise do Eu”, de que “as *massas* nunca tiveram a sede de *verdade*. Requerem ilusões as quais não podem renunciar” (FREUD, 2011 [1921], p. 29), Tesich, talvez, por ser escritor de ficção, percebeu que “a verdade terá pouco impacto em nós”, mesmo que ela seja “vital à saúde de nossa nação” (TESICH, 1992, p.12, tradução nossa).

---

<sup>1</sup> No original: “*We are rapidly becoming prototypes of a people that totalitarian monsters could only drool about in their dreams. All the dictators up to now have had to work hard at suppressing the truth. We, by our actions, are saying that this is no longer necessary, that we have acquired a spiritual mechanism that can denude truth of any significance. In a very fundamental way we, as a free people, have freely decided that we want to live in some post-truth world*” (TESICH, 1992).

<sup>2</sup> Tesich ganhou um Oscar de melhor roteiro original pelo filme *Breaking Away* (1979).

Segundo Tesich, o ex-presidente norte-americano Reagan, durante o escândalo “Iran/contra” ocorrido em seu governo, também “notou corretamente que o público não fazia questão de saber a verdade. Então, ele mentiu para nós, mas não teve que se esforçar” (TESICH, 1992, p.12, tradução nossa). Reagan não teve que se esforçar pois o cenário que sustentava suas mentiras já vinha se configurando e não era necessário ir longe para encontrar os elementos que o alicerçavam; bastava dar poucos passos para trás na história e se deparar com a impunidade no caso *Watergate* e com os crimes de guerra cometidos pelos Estados Unidos no Vietnã. Cerca de cinco anos depois, já no governo Bush, o mesmo cenário, que não se abalava com as mentiras, serviu para justificar a inevitabilidade da guerra do Golfo (1991), que, somando-se aos escândalos políticos, os problemas do crescimento do abismo entre os ricos e pobres e a crise na educação moral, deixava a população norte-americana sem estímulo ou alternativas para propor mudanças. E, assim, nas palavras de Tesich, “passamos a fugir da verdade” (1992, p. 12, tradução nossa). A esta reação subserviente por parte da população, o escritor designou “síndrome de *Watergate*” (*ibidem*, tradução nossa) à opção em aceitar mentiras reconfortantes para não enfrentar verdades inconvenientes, como na síndrome de Estocolmo onde a vítima se entrega para o algoz. Segundo o escritor, “acabamos por igualar a verdade com más notícias e nós não queríamos mais más notícias. Nós esperávamos que o governo nos protegesse da verdade” (*ibidem*, tradução nossa).

Porém, somente em 2016, o termo pós-verdade ganhou notoriedade, durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos e, em seguida, com as eleições do *Brexit*, quando ficou evidente que as notícias relacionadas aos movimentos de saída do Reino Unido da União Europeia estavam contaminadas por práticas manipulatórias de informação. Assim, a partir da constante repetição do termo “pós-verdade”, na mídia mundial, o dicionário Oxford elegeu “pós-verdade” como a palavra daquele ano (2016), incluindo-a como verbete<sup>3</sup>.

Atribuído, pelo dicionário, à classe morfológica dos adjetivos, a composição lexical “pós-verdade”, em uma frase, tal como, “vivemos na era da pós-verdade”, pode ser analisada sintaticamente como um substantivo abstrato com função de adjunto adverbial de valor adjetivo. O termo que caracteriza o advérbio da oração, “era”, é composto pelo prefixo latino “pós” – denotando um sentido de tempo posterior – e o radical “verdade” – este, relacionado

---

<sup>3</sup> Eleita como a palavra do ano de 2016, pelo Oxford Language - um programa de pesquisa de linguagens, vinculado ao Oxford English Dictionary - pós-verdade (*post-truth*) é definido como um adjetivo, “*relating too or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and self belief*” - Além da definição, o dicionário nos fornece exemplos onde a palavra ocupa a sua função morfológica: “*In this era of post-truth politics, it’s easy to cherry-pick data and come to whatever conclusion you desire*”; “*Some commentators have observed that we are living in a post-truth age*”(OXFORD, 2016).

ao conceito, conforme postula a Filosofia Clássica, de adequação entre um enunciado e o acontecimento a que se refere. Estamos aqui no domínio da verdade a ser estabelecida por correspondência.

Na frase usada como exemplo, no Dicionário Oxford, traduzida para o português, “vivemos na idade da pós-verdade”, o “pós” indica a suspensão da verdade em uma determinada época posterior a outra época em que a verdade, supostamente, prevalecia; um tempo (o da pós-verdade) no qual uma narrativa<sup>4</sup> pode ser tecida sem considerar a adequação criteriosa daquilo que é dito a respeito de determinado acontecimento. A mesma análise pode ser feita com a outra frase usada no dicionário: “*In this era of post-truth politics...*”. Aqui, no entanto, a pós-verdade serve como adjunto adnominal de “política”, caracterizando o campo da política de uma determinada era. Assim, não se trata de um qualificador, como seria se, por exemplo, acrescentássemos “*dangerous*” (perigoso), à frase: “*In this era of dangerous post-truth politics...*”. Falar em “era da pós-verdade” ou, mais especificamente, em “política da pós-verdade”, não implica, portanto, simplesmente imputar qualidade a um substantivo, mas de nomeá-lo como um elemento distinto no interior de um grupo, como, por exemplo, “economia liberal”, dentro do vasto grupo dos tipos de economia.

“Pós-verdade” é assunto central nesta tese. Este termo remete a fenômenos tais como “**negacionismo científico**”, “**revisão histórico**” e “**teorias conspiratórias**”, difundidos, na contemporaneidade, por *fake news*, ou seja, por relatos e narrativas que manipulam e colocam em suspensão o entendimento de “verdade”. Ela obscurece a discriminação entre o que é verdadeiro e o que é falso, polaridade esta cara à Filosofia Clássica, e desafia, igualmente, sentidos instituídos e convencionados. Os efeitos da pós-verdade têm impacto notável na esfera política, e sua inegável repercussão parece justificar o dizer de Lacan, na epígrafe que abre este estudo, de que certos “*acontecimentos históricos só podem ser julgados em termos de sintoma*”<sup>5</sup>. A ampla presença e circulação de *fake news*, nos leva a julgar “**pós-verdade**”, por

---

<sup>4</sup> Faz-se importante esclarecer o modo como utilizamos as palavras “narrativa” e “relato” neste trabalho. Quando utilizamos a palavra “relato” nos referimos a uma “narração”, “descrição”, “explicação”, ou qualquer tipo de informação produzida individualmente, seja textual ou imagética; quando utilizamos a palavra “narrativa”, nos referimos a um conjunto de relatos que compartilham das mesmas opiniões. Por exemplo, a narrativa dos judeus sobre o holocausto, ou a narrativa da extrema direita sobre o feminismo. Entende-se que “narrativa” é um conjunto de relatos produzidos separadamente, muitas vezes, por pessoas diferentes, às vezes, em épocas diferentes, mas que se alinham em um mesmo propósito. Fala-se sobre “guerra de narrativas” quando há uma ou mais narrativas que divergem sobre o mesmo tema e disputam em torno das veridades e falácias de cada uma. Por exemplo, a narrativa do agronegócio sobre a emergência climática e a narrativa dos ambientalistas sobre o mesmo assunto. Outro ponto importante a ressaltar a respeito dessas duas palavras é que “narrativa” é um termo pouco ou nada usado na Psicanálise, enquanto “relato” tem um lugar central na teoria psicanalítica, como material para o método terapêutico, sendo quase sinônimo de “fala do paciente”.

<sup>5</sup> Voltaremos à questão dos sintomas no Capítulo 2.

**seus efeitos perturbadores na ordem pública, como expressão de um sintoma social da atualidade.** *Fake news*, a materialidade da pós-verdade, designa bem o termo pois, como veículo de sua manifestação, explícita, com fineza, que as “notícias” que divulga são “falsas”. Sim, são **formas de composições narrativas falseadas** e oferecidas ao público como “verdadeiras”, afetando o laço social, pois levantam interrogações sobre opções tomadas pelo sujeito, na medida em que os critérios de decisões estão contaminados por notícias manipuladas, ou seja, por desinformação.

Esta tese distingue, portanto, pós-verdade de *fake news*, como exposto acima, que são narrativas e relatos impregnados por conteúdos que remetem a fenômenos também já mencionados: o negacionismo científico, o revisionismo histórico e as teorias conspiratórias. Esta tese toma como propósito abordar a problemática da pós-verdade a partir de instrumentos teóricos da teoria psicanalítica, que consideramos pertinentes para o entendimento da pós-verdade como sintoma, que se manifesta como acontecimento, o qual incide nos espaços sociais e políticos. *Fake news*, diferentemente, é a matéria textual (verbal ou imagética) que imprime na linguagem o sintoma da pós-verdade. É preciso assinalar que *fake news* não deve ser confundida com erros, fundado em informações equivocadas – o conteúdo destas últimas não é intencionado e a retificação por uma “errata” é sempre possível no próprio meio no qual foi divulgada. *Fake news* é, repetimos, texto que se confere na esfera pública. Negacionismo científico, revisionismo histórico e teorias conspiratórias são fenômenos, aqui relacionados como configurações discursivas, que alimentam *fake news* e são assim tomados como participantes necessários do que concebemos como sintoma social. Tais configurações discursivas supõem alienação a um líder, que se apresenta como sustentáculo da verdade, prometendo à massa, a qual se dirige, garantia de satisfação absoluta. Isso posto, antecipamos conceitos psicanalíticos que serão arregimentados na argumentação de que a pós-verdade e suas partes intrínsecas (*fake news* e os fenômenos indicados) são acontecimentos históricos da atualidade que podem ser julgados como sintoma.

No ambiente da pós-verdade, a tônica é, por meio do relativismo, o descompromisso com critérios pela busca da verdade. Tais critérios – de modo geral, estabelecidos e convencionados publicamente de acordo com as descobertas científicas e os registros históricos – embasam argumentos<sup>6</sup> considerando as causas, as consequências e as experiências vivenciadas, balizando o que se pode dizer como verdadeiro no âmbito de um acontecimento.

---

<sup>6</sup> Falaremos sobre o valor da argumentação no contexto da pós-verdade a partir de um texto do filósofo Vladimir Safatle (2017), no Capítulo 3.

O relativismo, por sua vez, é uma construção narrativa que ignora ou recusa as discursividades de natureza científica ou histórica, estabelecidas e convencionadas, em favor de uma crença religiosa ou ideológica.

A respeito de informações que circulam nos meios de comunicação, entendemos que a busca por adequação entre um acontecimento e o que é dito e compartilhado sobre ele deve sustentar debates plausíveis em torno daquilo que é de interesse público. De outra forma – embora a Filosofia e a Ciência reconheçam a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de atingir A Verdade<sup>7</sup> – sem uma circunspecta apuração e um razoável consenso a respeito da realidade compartilhada, fica-se à deriva, sem rumo no progresso civilizatório. Dito isso, a manipulação intencionada na construção de narrativas sobre acontecimentos, o ataque deliberado às discursividades científica e histórica estabelecidas, são marcas indelévels da pós-verdade.

Ainda que nem todas as *fake news* sejam relacionadas à política, dentre as consequências mais relevantes da desinformação desmedida – seja deliberada ou acidental – está o favorecimento do controle e manipulação da população.

Procurou-se indicar, nesta introdução, que “pós-verdade” é um termo de difícil definição. O cálculo é complexo e envolve tanto aspectos ligados à subjetividade<sup>8</sup>, quanto aspectos ligados ao funcionamento do laço social; uma complexa operacionalização das subjetividades no laço social, tendo como efeito a formação de compromisso entre a classe explorada e a classe dominante no contexto neoliberal, visando a manutenção das relações assimétricas de poder, através de narrativas que estabelecem um sentido para os acontecimentos relevantes ao debate público, porém, sentidos que comprometem a distinção entre verdadeiro e falso, visando a paralisia nos conflitos de classe, em favor da classe dominante. Tal complexidade pode ser descrita como proposto pelo psicanalista Christian Dunker:

A pós-verdade, longe de ser um aprofundamento do programa cultural e político do pós-modernismo, é uma espécie de reação negativa a esta. A pós-verdade é um falso contrário necessário do pós-modernismo. Como se o politicamente correto, o relativismo cultural e a mistura estética tivessem gerado uma espécie de reação nos termos de uma demanda de real, de um retorno aos valores orgânicos e suas pequenas comunidades de consenso. (DUNKER, 2017, p. 12)

---

<sup>7</sup> Optamos, sempre que possível, pela utilização do A e do V maiúsculo para nos referirmos à Verdade conceitualizada no campo da Psicanálise, como será melhor explicado no Capítulo 1.

<sup>8</sup> Falaremos sobre a subjetividade em tempos de pós-verdade a partir do texto de Christian Dunker, no Capítulo 2.

Trata-se, para Dunker, de uma “verdade inflacionada de subjetividade, mas sem nenhum sujeito”; “moralmente potente, mas que não produz transformações éticas relevantes”; “que se confunde com processos sociológicos de individualização, com as prerrogativas estéticas do gosto e com a força política das religiões” (DUNKER, 2017, p.18); e “antes de tudo, uma verdade contextual”, instituída pelo “cinismo como discurso básico do espaço público e da vida laboral” (*ibidem*, p. 17). Assim, para que a pós-verdade esteja consagrada em nosso cotidiano, Dunker aponta, também, para o “cinismo no poder, com sua moral provisória, capaz de gerenciar o pessimismo, no atacado da tragédia humana, em proveito de vantagens obtidas no varejo narcísico” (*ibidem*, p. 19).

Hoje, com a discussão já avançada em torno do termo em vários campos do saber – Filosofia, Sociologia, Comunicação Social etc. –, em comparação com sua primeira aparição, em 1992, Dunker define a pós-verdade como uma reação ao “pós-modernismo que pedia por um substrato moral” para responder à “falsa questão” (DUNKER, 2017, p. 16) sobre a “verdade do conjunto ou da pertinência” das novas formas de identidade (de gênero, raça e etnia) que substituíram a “antiga vinculação sindical, que privilegiava a identidade de classe” (*ibidem*, p. 15) e, enfim, afirma que a pós-verdade rompe com os três regimes da verdade – *alethéia* (revelação grega), *emunah* (confiança judaico-cristã da promessa) e *veritas* (precisão latina do testemunho) – atacando através dessa ruptura, o que Lacan designou, ao longo de sua obra, como “estrutura de ficção da verdade”, que se liga por esses três regimes da verdade que possibilitam a fantasia.

Freud argumentava que a fantasia parte de um desejo presente [*alethéia*] que retoma traços mnêmicos do passado [*veritas*] e se lança ao futuro como realizado [*emunah*]. Talvez seja por isso que Lacan associava a fantasia com uma determinada ligação entre o real e a verdade. (DUNKER, 2017, p. 19, acréscimo nosso)

Ainda que Dunker não tenha classificado a pós-verdade como sintoma social, recolhemos as características delimitadas pelo psicanalista, pois elas alicerçam, através da relação entre verdade psíquica e realidade, a formação dos sintomas, e, de forma análoga, dos sintomas sociais, na medida em que a verdade psíquica, seja na forma de fantasias ou delírios, ou seja, a maneira como as narrativas subjetivas representam a realidade material, determinam os sintomas.

Em sua “Conferência XXIII – Os caminhos da formação do sintoma” ([1917] 2014), Freud demonstra que é através dos objetos mantidos inconscientemente pela fantasia que a libido

reencontra os caminhos fixados pela satisfação de prazer, anteriormente, abandonados no processo de repressão do Eu, mediante o princípio de realidade, e que formarão os sintomas.

Temos, então, que a “reação” à pós-modernidade é expressa de maneira sintomática na sociedade, na medida em que se fixa a objetos e tendências que satisfazem os impulsos de controle do poder no cenário neoliberal:

As perdas geradas pelas práticas neoliberais foram invertidas em uma ruptura da aliança entre relativismo cultural e dogmatismo econômico. Doravante é preciso prescindir da verdade. Uma nova expressão cognitiva ascende com um novo tipo de irracionalismo que conseguiu recolocar na pauta temas como: o criacionismo contra o darwinismo, a relatividade da “hipótese” do aquecimento global, a suspeita sobre a indução e o autismo por vacinas e tantas outras teorias mais ou menos conspiratórias diluídas por um novo estado da conversa em escala global, facultado de modo inédito pelas redes sociais. Neste novo suporte, as crenças mais estranhas e regressivas adquiriram uma espécie de *backing vocal* garantido (DUNKER, 2017, p. 18).

Assim, como um sintoma, a pós-verdade “afeta cotidianamente nossos laços amorosos e nossas formas de sofrimento”, e como um sintoma social, apresenta, na civilização, “implicações políticas, morais e institucionais” (DUNKER, 2017, p. 20).

Amparada pelo pressuposto da liberdade de expressão, a pós-verdade é o sintoma que supõe a desresponsabilização da fala, ostentando a voz da injunção ao gozo, da imperiosa busca por satisfação de prazer no campo social.

A pós-verdade é, portanto, um dito que goza, e não mais um “semi-dizer”, como Lacan propôs a respeito da verdade para a Psicanálise. Ela recusa a ordem simbólica da civilização, transformando a comunicação pública em uma terra sem lei, onde tudo pode ser dito.

Em termos de laço social, a pós-verdade manifesta um compromisso cínico estabelecido entre uma população subserviente que, frente a escassez de respostas para o futuro sombrio que se antecipa nas catástrofes ambientais e sociais testemunhadas cotidianamente, não encontra outra saída a não ser se alimentar das falsas garantias do mercado e produzir para pertencer a uma comunidade, mesmo que, paradoxalmente, de forma individualista.

Assim, nosso entendimento da pós-verdade se aproxima da definição do psicanalista Octavio Souza<sup>9</sup>, para quem, segundo o texto de Miriam Debieux Rosa, o sintoma social “é

---

<sup>9</sup> SOUZA, Octavio. Reflexões sobre a extensão dos conceitos e da prática psicanalítica. In: L. T. Aragão (Org.), *Clínica do social: Ensaios*. (pp. 91-108). São Paulo, Escuta, 1991.

sustentado por uma fantasia por meio da qual se denota o modo como os sujeitos controlam os ideais, buscando manter distante a castração” (ROSA, 2004, p. 339)<sup>10</sup>.

Imprescindível para a consolidação da pós-verdade em nossa cultura é, também, a proliferação de informação em todos os suportes de comunicação, mas, principalmente, na internet, onde as notícias são facilmente espalhadas pelas redes sociais, ocasionando uma “intoxicação de informação” – conhecida sob o neologismo em inglês “*infotoxication*” – nos usuários, e tornando o discernimento entre falso e verdadeiro ainda mais confuso.

Paralelamente ao bombardeamento de informação, temos o sistema de algoritmos das redes sociais reforçando o tipo de conteúdo que consumimos *online*, na medida em que, quando clicamos em um determinado *link*, o algoritmo irá entender que o conteúdo da página é interessante para o usuário e irá oferecer outros *links* relacionados, corroborando com a ideia anterior, mesmo que o conteúdo seja falso, o que acentua a aderência do usuário a determinada ideia. Trata-se de um mecanismo arquitetado para fins comerciais, pois sabemos – todos que usamos a internet – que, ao acessar a página de determinado produto, o algoritmo irá oferecer, através de postagens patrocinadas, algo igual ou similar ao que pesquisamos. Ou seja, são os usuários que fortalecem, criam suas redes algorítmicas e, conseqüentemente, alimentam os serviços de informação de dados que circulam na internet, conhecidos como *datacenters*, utilizados pelas plataformas de mercado e política para controlar e manipular o fluxo de conteúdo<sup>11</sup>.

Os algoritmos são responsáveis por outro fenômeno: as bolhas informacionais que se constituem na internet e que têm como consequência a polarização da população e a cultura do ódio.

Na pós-verdade, o apelo passional das narrativas se sobrepõe à razão, estimulando, assim, a formação de opiniões e decisões equivocadas no contexto social, reforçando a tendência humana pela preferência por mentiras reconfortantes em detrimento das verdades desagradáveis. “As *massas*” – dizia Freud – “nunca tiveram a sede de *verdade*. Requerem ilusões as quais não podem renunciar” (FREUD, 2011 [1921], p. 29).

A rigor, o que se coloca em jogo são narrativas voltadas a falsear as causas, conseqüências e experiências vividas em determinado acontecimento com relatos dissimulados, através de ideias distorcidas e, frequentemente, absurdas, obstruindo o horizonte das discussões

---

<sup>10</sup> Retomaremos mais longamente à questão do sintoma social no Capítulo 2.

<sup>11</sup> Esta ideia é aprofundada, no Capítulo 3.

públicas, refutando o consenso científico e histórico que visa a adequação entre suas ilações e os acontecimentos, evitando a interferência das emoções ou crenças pessoais.

Trata-se, na pós-verdade, de arquitetar uma narrativa visando provar uma convicção ou uma intenção, selecionando argumentos que produzam um efeito pretendido, ou seja, trata-se de estratégias de condução para uma determinada conclusão, estratégias que utilizam o fluxo de dados disponíveis na internet para controlar e manipular as informações de acordo com uma intenção.

Estamos, assim, no âmbito da negação, quer dizer, de uma manobra narrativa, omitindo, desmentindo e manipulando dados de um acontecimento a fim de criar versões alternativas do modo de relatar um acontecimento, obscurecendo o espaço de discussões plausíveis e necessárias ao avanço civilizatório.

A negação é um termo caro à Psicanálise: uma operação que resulta em um dos três mecanismos – ou “estruturas”, como Lacan formalizou – de defesa psíquica, fundantes da constituição subjetiva, propostos por Freud. Sendo eles, a forclusão (*Verwerfung*), relativa às psicoses; o recalque (*Verdrängung*), relativo às neuroses; e a denegação (*Verneinung*), relativa às perversões. Porém, adiantamos que não pretendemos afirmar que todos os agentes operantes ou submetidos às narrativas da pós-verdade sejam, exclusivamente, perversos, neuróticos ou psicóticos, mas, que sim, há uma perversidade – não necessariamente no sentido estrutural, mas, de uma maleficência consciente – na maneira como se beneficiam dos dados que circulam nos meios de comunicação. Assim como nos deparamos com algumas narrativas que nos soam a delírios coletivos no âmbito das narrativas da pós-verdade.

A pós-verdade adquire, portanto, um sentido particular, ligado ao ato deliberado de deturpar a realidade e pode ter importantes consequência para a civilização. No entanto, algumas vezes, essas narrativas são tecidas, digamos, de boa-fé (ou poderíamos dizer de fé cega) para defender uma crença religiosa ou ideológica de um indivíduo ou de um grupo. O que nos leva a um célebre caso relacionado à pós-verdade: o “terraplanismo”. Trata-se de um exemplo um tanto cômico que, ainda que já tenha perdido bastante de sua popularidade e não tenha acarretado consequências políticas, demonstrou, principalmente ao longo dos anos de 2015 e 2019, a proporção que uma desinformação baseada em crenças irracionais, fomentadas por teorias da conspiração, negacionismo científico e revisionismo histórico, podem tomar.

Os terraplanistas contemporâneos são pessoas (pois ainda encontramos alguns, eventualmente) defensoras da concepção de que nosso planeta é uma superfície plana, no

formato de um disco, e persistem em ideias conspiracionistas, negacionistas e revisionistas, absurdas que, no entanto, constata sua crença, frequentemente, criacionista. Tais ideias – que são esparsas e nem sempre compatíveis dentre os terraplanistas – incluem a afirmação de que os astronautas são atores militares que produzem as imagens do espaço em estúdio ou computação gráfica, ou a impossibilidade de enxergar a curvatura do planeta quando olhamos no horizonte; ou a geografia da borda do planeta que seria rodeado por um muro de gelo impossível de ser alcançado devido ao frio, e por isso ninguém “cai” do planeta. Ou seja, os terraplanistas refutam os estudos e avanços da Ciência, assim como os registros históricos, para comprovarem a constatação daquilo que eles já “sabem”, pois assim está escrito na Bíblia. Nos casos dos terraplanistas menos religiosos, eles duvidam das evidências científicas pois reconhecem que existe uma conspiração mundial para acreditarmos que a Terra é esférica, ainda que, logicamente, se a Terra fosse esférica, quem está na Austrália, iria cair do globo.

Uma das principais referências dos terraplanistas é o livro *Astronomia Zetética – a Terra não é um globo*, publicado pela primeira vez em 1881, pelo inglês Samuel Rowbotham, sob o pseudônimo de Parallax. Rowbotham foi um médico-charlatão e um cristão palestrante que tentava validar sua leitura literal dos textos bíblicos utilizando cálculos matemáticos para provar que a Terra é plana. A história de Rowbotham, – precursor do movimento terraplanista moderno – e de seus sucessores, que resumiremos a seguir, é contada em detalhes no livro *Flat-Earth – The history of na infamous idea* (2007), de Christine Garwood.

Após a morte de Rowbotham, inspirada por ele, a aristocrata e missionária cristã Lady Blount fundou a *Universal Zetetic Society*, em 1893, cujo slogan era “*In Veritate Victoria*” (Vitória na Verdade). Sua missão era assegurar a verdade da palavra da Bíblia (GARWOOD, 2007, p. 154). Para Lady Blount, passagens bíblicas, tais como “O demônio levou-o em seguida a um alto monte e mostrou-lhe num só momento todos os reinos da terra” (Lc, 4,5), evidenciavam – e a palavra bíblica, para ela, deveria ser indiscutível – a superfície plana do planeta, uma vez que, se a Terra fosse esférica, o campo de visão do demônio e de Jesus – para quem “todos os reinos da terra” estavam sendo oferecidos – não alcançaria, em um só momento, os lugares mais distantes do monte a partir de onde eles observavam, pois estaria abaixo do horizonte.

O nome dado ao método proposto por Rowbotham e utilizado por Lady Blount, “Zetético”, deriva do grego *zeteo* e significa procurar, examinar, visando “proceder apenas por inquérito; não tomar nada como garantido, mas rastrear os fenômenos até suas causas imediatas e demonstráveis” (ROWBOTHAM, [1881] 2015, p. 5). O autor opõe, logo na introdução de

seu livro, o zetético ao “teórico, cujo significado é especulativo – imaginário – não tangível – articulando, mas não provando” (ROWBOTHAM, [1881] 2015, p. 5).

Segundo Garwood, por volta de 1913, após cerca de 20 anos de intensa atividade, a *Universal Zetetic Society* ficou inativa, ainda que Lady Blount tenha seguido em defesa do terraplanismo e outras ideias criacionistas até a sua morte em 1935 (GARWOOD, 2007, p. 186).

Em 1956, Samuel Shenton, um calígrafo britânico, também cristão, refundou a sociedade zetética, renomeando-a *Flat Earth Society*. Segundo o jornal *The Anniston Star*, Shenton declarou, na ocasião do lançamento da espaçonave Apollo 11, que os astronautas são hipnotizados para acreditar que vão para o espaço (TOTH, 1969).

Na época em que Shenton era presidente da Sociedade da Terra Plana, de 1956 até sua morte em 1971, a sociedade contava com mais ou menos 100 membros (TOTH, 1969). Hoje, a sociedade é sediada em um fórum *online* com 6.580 usuários registrados, ainda que, pelos comentários feitos no fórum, podemos notar que grande parte dos registros são de usuários que estão ali por curiosidade ou ironia.

Somado ao fórum “oficial” dos terraplanistas, encontramos dezenas de canais no *YouTube* e páginas no *Facebook*, com milhares de “seguidores” discutindo o formato do planeta. A maioria, novamente, por curiosidade ou ironia, mas alguns enfrentando seriamente os “globalistas”, como são chamados aqueles que acreditam que o planeta seja esférico.

Porém, não devemos relevar o número de adeptos reais do terraplanismo que, além da expressividade *online*, até 2019, antes da pandemia, reuniam-se em convenções, inclusive no Brasil<sup>12</sup>, onde, segundo uma pesquisa do Datafolha (2019), 7% dos brasileiros afirmaram que a Terra é plana.

No entanto, contestamos a acuracidade do resultado dessa pesquisa, pois queremos considerar que, muitos daqueles que afirmaram acreditar na Terra plana, não levaram a pesquisa a sério e apenas responderam, ironicamente, uma pergunta absurda com uma resposta absurda. Esta desconfiança, este “queremos considerar que”, na qual nos envolvemos nesses casos é, em

---

<sup>12</sup> Em novembro de 2019, em São Paulo, a FlatCon (uma convenção de terraplanistas) vendeu 400 ingressos para pessoas interessadas em assistir a palestras que explicam a cosmologia do terraplanismo. Vale ressaltar que um dos palestrantes, Afonso de Vasconcelos, é doutor em Física pela USP (MOREIRA, 2019). Em 2018, houve uma convenção em Birmingham, na Inglaterra, com mais de 200 pagantes, onde um dos palestrantes, Darren Nesbit, explicou que “ninguém cai das bordas da Terra por causa do ‘efeito Pac-Man’. Quando a pessoa chega até a borda, é automaticamente transportada para o outro lado do planeta” (GINPPER, 2018). Também em 2018, aconteceu a *Flat Earth International Conference*, em Edmonton, Canadá, com mais de 250 pessoas (BLOOM, 2018).

si, um efeito de pós-verdade, como dificuldade em discernirmos entre o verdadeiro e o falso. Como exemplo da ironia para tratar desses absurdos, assim como as pessoas que se dizem terraplanistas e compram camisetas e bonés terraplanistas, mas não são, citamos um grupo norte-americano que organiza manifestações públicas em várias cidades dos Estados Unidos, sob o slogan “*Birds aren’t real*”, denunciando que os pássaros não existem. Que, na verdade, isso que acreditamos serem pássaros, são drones de espionagem do governo. Com perfil em várias redes sociais, a performance (que nunca é apresentada como uma performance) junta centenas de pessoas que voluntariamente aderem a causa para mostrar o absurdo das teorias da conspiração. Como se demonstrasse como é possível defender qualquer ideia e ganhar visibilidade.

Voltando aos terraplanistas, mesmo assim, considerando que muitos “adeptos” não são adeptos, não podemos desconsiderar que alguns sejam, de fato, terraplanista, e, segundo o administrador do fórum que representa a Sociedade da Terra Plana, a contumácia pública em afirmar que o planeta seja esférico é um plano do governo norte-americano, iniciado na corrida espacial, durante a Guerra Fria e, hoje, deixou de ser uma questão política, mas se manteve por ganância. Segundo a Sociedade da Terra Plana, o dinheiro destinado às agências espaciais é usado apenas parcialmente para “continuar financiando as viagens espaciais falsas, economizando a outra parte do financiamento para ser desviado para ganhos próprios” (FLAT EARTH SOCIETY, 2022).

Resumindo, o terraplanismo nos interessa porque, apesar de não ter graves consequências à democracia, apresenta as bases da aderência popular aos fenômenos da pós-verdade: a ilusão de uma verdade absoluta que satisfaça uma crença pessoal, seja religiosa ou ideológica. “Verdades” demonstradas por experiências simplistas como, por exemplo, dizer que a Terra é plana porque se ela fosse redonda os aviões, quando em movimento, teriam que, constantemente, realinhar o nariz para baixo. Tais “verdades absolutas” são defendidas por meio da suspensão de critérios de veracidade, do compromisso com a busca pela adequação sobre determinado acontecimento e o que é dito sobre ele, baseado em uma crença; no caso do terraplanismo, uma leitura literal da Bíblia.

Os fenômenos da pós-verdade, assim como o terraplanismo, refutam a ciência devido a impossibilidade dessa em demonstrar suas conjeturas através de evidências imediatas e empíricas, como proposto pelo método zetético.

O descrédito da ciência e das instituições em geral, principalmente, a democracia, está relacionado a impossibilidade dessas instituições em entregar o suficiente para apaziguar a angústia de uma geração para quem, por outro lado, o capitalismo ofereceu o triunfo da satisfação através do fetiche da mercadoria e, agora, do fetiche das ideias.

Assim, o “pós”, em pós-verdade, refere-se a ideia de um tempo que sucede uma maneira de lidar com a asserção sobre o verdadeiro, onde a autenticidade histórica e científica são relativizadas por relatos predominantemente subjetivos, muitas vezes constituídos por ideias absurdas que destoam do debate razoavelmente implicado nas constatações científicas e históricas, através das *fake news*; essas compostas por estratégias narrativas que conhecemos como os fenômenos das teorias da conspiração, revisionismo histórico e negacionismo científico.

Tais fenômenos, diferentemente do exemplo do terraplanismo, podem ser bastante prejudiciais para a civilização pois, da mesma forma deturpada dos terraplanistas em relação à veracidade, encontramos outros movimentos que descredita a história e a ciência. Dentre eles estão os neonazistas, que negam o holocausto; os antivacinas, que relacionam as vacinas ao autismo; os movimentos que difamam a comunidade LGBTQIA+, como quando o deputado Eduardo Bolsonaro divulgou, na sua conta do *Twitter*, a imagem de um cartaz associando a pedofilia ao movimento LGBT; ou os grupos que negam que o aquecimento global seja reflexo da poluição causada pelo humano. Movimentos como esses afetam, imediatamente, os processos eleitorais, manipulando a opinião pública através de sensacionalismo e mentiras.

Salientamos, por conseguinte, que, por tratarem de fenômenos compartilhados na esfera pública, esta pesquisa de cunho psicanalítico ultrapassa a singularidade do caso clínico, alcançando a seara da *Psicanálise em extensão*<sup>13</sup>, tratando a pós-verdade como um *sintoma social*, e demonstrará sua operacionalidade no laço social, utilizando, como ferramenta de análise, os matemas desenvolvidos pelo psicanalista Jacques Lacan para conceber a teoria dos discursos.

Ainda que a questão da pós-verdade não estava posta quando Lacan nos apresentou sua teoria dos discursos, acreditamos que ela se mostre pertinente para ser aplicada na presente

---

<sup>13</sup> O termo “psicanálise em extensão” foi cunhado por Lacan em 1965, na Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris para diferenciar a intensão clínica da psicanálise e sua extensão fora da clínica. (ROSA, 2004, p. 336). Antes, Freud utilizou o termo “psicanálise aplicada” em uma coleção de textos de 1907 (ibidem, p. 334). Já, outros psicanalistas, na esteira de Jean Laplanche (1992), utilizam o termo “psicanálise extramuros”, como para a “prática psicanalítica referente ao sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico” (ROSA, 2004, p. 330).

investigação, na medida em que os discursos foram propostos como uma escrita das diferentes modalidades de produção e regulação do gozo do laço social, através dos elementos do campo da Linguagem e da Psicanálise. Conforme Lacan, “essa noção de discurso deve ser tomada como liame social” (LACAN, [1972-1973] 2008, p. 24).

Portanto, apoiada na premissa freudiana de que “a psicologia individual é, ao mesmo tempo, psicologia social em um sentido amplo e plenamente justificado” (FREUD, [1921] 2011, p. 14), esta tese defende a ideia de pós-verdade como um sintoma social, ou seja, um índice do jogo de forças que constitui uma sociedade marcada pelo avanço da tecnologia e por uma maneira de negar a verdade concebida não apenas pela Filosofia, como já vimos, mas também pela Psicanálise, que abordará a verdade de maneira distinta da Filosofia, na medida em que a verdade da Psicanálise é relativa ao sujeito do inconsciente. Conceito este que ocupa um lugar determinante, inclusive, na teoria dos discursos.

### **A Psicanálise, o campo social e a massa**

Falar em “sintoma social” pressupõe uma manifestação que atinge e é vivida pela sociedade, ou seja, uma manifestação de massa. Julieta Jerusalinsky nos diz algo pertinente para iniciarmos uma reflexão a respeito da pós-verdade e o lugar do analista no sintoma social:

Não se trata de diagnosticar personalidades quando carecemos da possibilidade de realizar uma leitura em transferência. Mas, longe de proferir interpretações em praça pública, o ofício psicanalítico da escuta torna inevitável recolher as consequências que a identificação com um líder produz no laço social fazendo prevalecer uma lógica discursiva em cada época cultural que atravessa a vida psíquica de cada paciente (JERUSALINSKY, 2022, p. 81).

Para Freud, o sintoma é uma consequência do processo de repressão de uma satisfação instintual: atendendo a censura do Super-Eu, o Eu reprime da consciência uma ideia do Id que porta um impulso desagradável, porém a mantém como uma formação inconsciente. O Id irá, então, buscar outras formas de satisfação através do sintoma, que será indício e substituto da ideia reprimida (FREUD, [1926] 2014, p. 19-20).

Ainda neste texto, “Inibição, sintoma e angústia”, Freud compara o sintoma “a um corpo estranho que incessantemente gera estímulos e reações no tecido em que se incrustou” ([1926] 2014, p. 28). Mas há ainda outra analogia para exemplificar o sintoma que nos é ainda mais interessante por aproximar as formações de compromisso entre o Eu, o Super-Eu e o Id de uma situação “de outra esfera” ([1926] 2014, p. 21).

Tomemos um Estado em que determinada facção luta contra uma medida que, se aprovada, corresponderia às inclinações da massa. Tal facção apodera-se então da imprensa, com esta influencia a soberana “opinião pública” e impede que ocorra a aprovação planejada (FREUD, [1926] 2014, p. 21).

Assim, se o sintoma pode ser explicado como uma formação inconsciente, “verdadeiro substituto e derivado do impulso reprimido” (FREUD, [1926] 2014, p. 21), resultante do conflito entre as forças que organizam o aparelho psíquico em sua busca por satisfação, podemos entender o sintoma social como o resultado do conflito entre forças “de outra esfera” – da esfera social – onde se produzem laços entre sujeitos a partir da linguagem e, mais precisamente, da narrativa.

Ainda que na Psicanálise não depreendemos que o social compartilhe um inconsciente, como proclamou Gustav Carl Jung (1875-1961), podemos afirmar, desde o nosso campo, que há algo subjacente aos laços sociais: a ideologia. É isso que entendemos quando Lacan afirma que foi Karl Marx quem inventou o sintoma.

No texto, “Como Marx inventou o sintoma?” (1996a), Žižek retoma a definição de ideologia segundo *O Capital*: “disso eles não sabem, mas o fazem” (MARX *apud* ŽIŽEK, 1996a, p. 312). Não seria justamente esse o enunciado do inconsciente? *Um saber que não se sabe*; que conduz o sujeito na busca por satisfação, mesmo que seja sentida pela consciência como insatisfação? A ideologia, no laço social, é o que mantém o proletário a serviço do mestre, produzindo mais-valia. É o elemento invisível do cotidiano promotor do compromisso entre proletário e mestre. “*O enobrecimento do homem pelo trabalho*” é o paradigma ideológico do capitalismo clássico que mantém a subserviência da produção de mais-valia, por sujeitos “normatizados”. As lentes da ideologia fazem com que o proletário permaneça a serviço do capitalismo, mas a mais-valia retorna mostrando para o proletário que a diferença entre o que ele produziu e o que ele recebeu por essa produção não é suficiente para suprir a sua demanda. Dessa incessante busca por satisfação da demanda, surgem as manifestações sintomáticas no campo do social, tais como a violência, o desrespeito com o outro, o trabalho informal, dentre outros. O sintoma social é, portanto, o substituto e índice da diferença entre a produção e a verdade do laço social, da mesma forma que o sintoma particular na clínica tem **valor de verdade** para o sujeito. Contudo, como veremos mais adiante, a ideologia do capitalismo atual, regido pela doutrina neoliberal, difere-se da ideologia capitalista clássica como criticada por Marx. Žižek demonstra que em nossa sociedade – hiper-reflexizada, autocrítica, mas não por isso transformadora ou menos subserviente – nossa definição ideológica pode ser representada

pela frase “disso eles sabem, e o fazem mesmo assim”, remetendo-nos ao paradigma da perversão.

Assim, os laços sociais, através da ideologia, como aponta Miriam Debieux Rosa, “inserem o sujeito simultaneamente no jogo relacional, afetivo, libidinal e político, pautando a história de cada um inserida no campo discursivo de seu tempo” (ROSA, 2022, p. 239).

Como é de conhecimento público, Freud se dedicou à análise das massas e, em *Psicologia das massas e análise do Eu* ([1921] 2011), podemos localizar algumas características e funcionamentos das construções identitárias contemporâneas e é disso que estamos tratando como um sintoma social, a pós-verdade. Dentre elas está o desapego pela verdade: “As *massas* nunca tiveram sede de *verdade*. Requerem ilusões as quais não podem renunciar” (FREUD, 2011 [1921], p. 29). Ao comentar o livro *Psicologia das massas*, de Gustave Le Bon (1912), Freud propõe que:

Inclinada a todos os extremos, a massa também é excitada apenas por estímulos desmedidos. Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir as mesmas coisas (FREUD, 2011 [1921], p. 27).

Mesmo que esta característica, o desapego pela verdade, seja tão antiga quanto as hordas primevas – quando seus membros eram ligados pela ilusão de serem amados igualmente pelo pai e pela mãe – ainda hoje, em meio às problemáticas da democracia e das liberdades individuais, a relação humana com a verdade continua entreposta pelo desejo, tendo como efeito, como propõe Lacan, uma estrutura de ficção. Ficção é uma resposta possível que damos no encontro com fatos, sempre irremediavelmente intangíveis se não como realidades linguisticamente instituídas. Temos, então, segundo a Psicanálise, que A Verdade é sempre inacessível, não só pela insuficiência perceptual própria do homem, como também, impulsiona ou marca sua trajetória vital. Pelo desejo de sermos amados, constituímos uma fantasia (ou delírio) que se aproxime da completude com o Outro, por isso, nossa verdade tem uma estrutura de ficção. Entenda-se que “ficção” aqui não remete à imaginação, produção literária, mas liga-se diretamente à impossibilidade de acesso transparente à exterioridade. Ficção liga-se, portanto, à ideia de Imaginário em Lacan, ou seja, de criação possível de uma realidade, uma necessidade de fazer consistir para um sujeito, mas não deligada do acontecimento.

Mais de cem anos depois do que Freud e Le Bon puderam investigar sobre “os fenômenos que surgem nessas condições especiais como manifestações de um instinto especial

irredutível a outra coisa, o instinto social” (FREUD, 2011 [1921], p. 15) podemos desdobrar algumas propostas e repensá-las segundo a contemporaneidade, como a aderência fanática a ideias absurdas, ou ainda convicções ideológicas sem fundamentos democráticos. No entanto, observamos que não vamos muito longe para além das características das massas como os autores as relacionaram ainda no século 20:

As massas nunca tiveram sede de verdade. Requerem ilusões, às quais não podem renunciar. Nelas o irreal tem primazia sobre o real, o que não é verdadeiro as influencia quase tão fortemente quanto o verdadeiro. Elas têm a invisível tendência de não fazer distinção entre os dois (LE BON *apud* FREUD, 2011, p. 29).

Assim, ainda se valendo deste desinteresse em relação ao verdadeiro, a agenda da pós-verdade, que incide sobre a massa do século 21, é a viabilização da deturpação dos dados factuais, as massas deixam-se levar por ilusões contanto que satisfaçam suas crenças pessoais e admitam o gozo pleno.

É importante notar que, apesar de termos alguns representantes conhecidos e até mesmo condenados<sup>14</sup> por disseminar desinformação, a pós-verdade não foi “criada” do dia para a noite por uma pessoa ou um grupo específico, mas foi sendo constituída por várias iniciativas, muitas vezes, não orquestradas, e seus efeitos ganham força e operacionalidade a partir de todos os pontos do espectro político, contanto que esteja inserido no que o filósofo e psicanalista Slavoj Žižek delimitou como “multiculturalista”.

### **A ideologia multiculturalista e o neoliberalismo**

Para Žižek, o multiculturalismo é “a forma ideal de ideologia deste capitalismo global” (ŽIŽEK, 2005, p. 32), remetendo a relação entre várias culturas em um ambiente compartilhado. A ideia de multiculturalismo, também chamado de pluralismo cultural, pressupõe o respeito e a representatividade das diversas religiões e etnias em função da convivência em um mundo globalizado. Porém, tal ideal tem se mostrado desafiador de ser posto em prática, sendo alvo de críticas severas advindas das Ciências Sociais e da Filosofia. Dentre esses críticos, destacamos Žižek, para quem o multiculturalismo serve apenas ao capitalismo neoliberal, como ideologia que, cinicamente, anunciando-se em defesa da pluralidade cultural, conserva a submissão da

---

<sup>14</sup> O mais conhecido representante deste “*savoir-faire*” é Steve Bannon, ex-assessor da campanha de Trump para a presidência dos Estados Unidos, e que podemos facilmente encontrar razões para compará-lo ao ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels.

sociedade à lógica do mercado, que se sustenta na exploração do trabalho e do meio ambiente para produzir e acumular mais-valia para uma minoria privilegiada, e prejudicando a existência dos grupos mais vulneráveis.

Portanto, quando Žižek utiliza o termo multiculturalismo para a ideologia não é sem ironia. Neste cenário, os interesses particulares das minorias historicamente privilegiadas assumem a forma da universalidade ao invés de – como pressuposto ideal da multiculturalidade – experimentarmos, como “aldeia global”, uma inter-relação harmoniosa e simétrica das diversidades de hábitos e costumes.

No multiculturalismo, como uma noção ideológica universal, que supostamente serve a todos, anuncia-se que *todos temos os mesmos direitos pois somos todos iguais*, entretanto, têm-se, subliminarmente, que só acessar os direitos, na prática, aqueles que anularem suas particularidades culturais em favor das particularidades pressupostas aos “iguais” da cultura dominante, resultando disso, um falso universalismo e falso multiculturalismo. E, diferente da versão clássica marxista da crítica à ideologia, onde “eles [o proletário] não sabem, e por isso fazem”, na sociedade atual, o proletário tem plena consciência desta assimetria de direitos e da exploração tanto do trabalho humano como dos recursos naturais e, mesmo assim, participam nessa relação de poderes sem grandes resistências. Para crítica marxista contemporânea, de acordo com Žižek (2005), trata-se, como dissemos anteriormente, de uma sociedade onde sabemos que não deveríamos participar como consumidores e produtores explorados, mas o fazemos mesmo assim: sabemos da corrupção nas instituições públicas e privadas, sabemos dos problemas ambientais, sabemos da crescente desigualdade social, da proliferação das doenças, da escalada da miséria, e, enfim... de todos os problemas acarretados pela injunção ao gozo. Para Žižek, “a noção ideológica universal é sempre hegemonizada por algum conteúdo particular que colore a sua própria universalidade e é responsável por sua eficiência” (2005, p. 11). Porém, diferente do capitalismo clássico criticado por Marx, para que o multiculturalismo a serviço do neoliberalismo funcione, é necessário acrescentar uma outra volta no laço social e, nessa outra volta, tem-se que a ideologia dominante haverá também de “incorporar uma série de características nas quais a maioria explorada seja capaz de reconhecer suas aspirações autênticas” (*ibidem*). Assim, coloca-se em cena um tipo de populismo observado através das narrativas sustentadas por “líderes” que tentam autenticar suas posições no contexto democrático. Para Žižek,

Em outras palavras, cada universalidade hegemônica tem de incorporar pelo menos dois conteúdos particulares – o conteúdo popular autêntico, e sua distorção pelas relações de dominação e exploração. É claro que a ideologia fascista “manipula” a

aspiração popular à verdadeira comunidade e solidariedade social contra a concorrência feroz e a exploração; é claro que “distorce” a expressão dessa aspiração no intuito de legitimar a manutenção de relações de dominação e exploração sociais. Entretanto, para conseguir realizar a distorção dessa aspiração autêntica, precisa primeiro incorporá-la... Etienne Balibar<sup>15</sup> tinha toda razão ao inverter a fórmula clássica de Marx: as ideias dominantes são, precisamente, não diretamente, ideias diretas daqueles que dominam (ŽIŽEK, 2005, p. 12-13).

Tal jogo populista não é novidade nos governos totalitários tanto fascista quanto socialista. A diferença está, no neoliberalismo, nas características exploradas e assimiladas pelos líderes, que ultrapassam a seleção de identidades imaginárias pertinentes ao grupo hegemônico, para abranger características estrangeiras até então excluídas do escopo narrativo do líder, ampliando sua zona de influência política e econômica para outras culturas.

Por exemplo, no regime nazista, ambicionava-se sobrepor a “raça ariana” e sua cultura a todos os outros povos do mundo, exterminando, assim, qualquer diferença. Nos regimes fascistas contemporâneos, a narrativa mescla suas ambições, incluindo pautas progressistas à moral conservadora. Por exemplo, passa-se a aceitar a inclusão de mulheres até então excluídas do palco político, contanto que elas defendam suas pautas em nome de um tipo de “feminino” que preserve a configuração da “família tradicional”. Mulheres que se dizem mais mulheres do que as ditas “feministas” ou “feminazis”.

### **Os fenômenos que sustentam as *fake news***

Sabemos que as mentiras políticas e perniciosidades econômicas sempre existiram, porém seus aparatos e procedimentos de sustentação foram, e continuam sendo, aperfeiçoados e matematizados, constituindo, através dos fenômenos como o negacionismo científico, o revisionismo histórico e as teorias da conspiração, hoje isso que conhecemos como as *fake news* que, ao mesmo tempo, são o principal meio de consolidação da pós-verdade e a evidência do intuito de propagar desinformação a fim de controlar e manipular as instituições civis e governamentais, implicando importantes efeitos no laço social.

No que diz respeito ao revisionismo histórico, o que está em seu escopo são as práticas de apagamento cultural de marcos admitidos e sedimentados a fim de redirecionar a narrativa histórica, como, por exemplo, a discussão sobre a existência do holocausto ou a culpabilização

---

<sup>15</sup> Cf. BALIBAR, Etienne. *La crainte des masses*, Paris, 1997.

dos europeus na escravização dos povos africanos e do extermínio dos povos nativos das Américas, ou, ainda, sobre a periculosidade das ditaduras para a democracia.

O negacionismo científico está relacionado à recusa de resultados estabelecidos e reconhecidos pela comunidade científica. Podemos citar, entre muitos outros exemplos, o movimento antivacinação, os questionamentos a respeito do aquecimento global ser provocado pela ação humana poluindo o planeta, e até mesmo a afirmação de que a Terra é plana, que ficou conhecida como terraplanismo, e seus apoiadores, os terraplanistas.

Por fim, as teorias conspiratórias relatam problemas secretos e fantasiosos e podem apelar, até mesmo, a alienígenas, reptilianos e celebridades já mortas<sup>16</sup>.

A pós-verdade, aqui caracterizada pelas expressões de “apagamento cultural”, “recusa”, “deformação”, “criação fantasiosa”, é nossa experiência contemporânea por efeitos de construções narrativas que tomam a realidade material como algo manipulável e a massa como alienada, por princípio, e passível de ser controlada. Assim, a deturpação dos fatos e sua veiculação repetitiva podem ser pensadas levando-se em conta as articulações no campo social da linguagem e do sujeito<sup>17</sup>.

Dessa forma, isso que chamamos de “pós-verdade” como um “sintoma social” são narrativas construídas com a finalidade de provocar um **efeito intencionado** que incide sobre acontecimentos para afetar as pessoas que recebem as (des)informações, levando às últimas consequências a afirmação de Lacan, ao tratar das formulações conceituais: “é o mundo das palavras que cria o mundo das coisas” (LACAN, 1966 [1953]/1998, p. 277).

Defenderemos, portanto, que a pós-verdade é um “sintoma social”, instrumentalizado por narrativas intencionadas, veiculadas e sustentadas, pelos fenômenos já explicitados, principalmente nos meios virtuais através das *fake news*, e motivadas, fundamentalmente, pelo controle político e econômico.

---

<sup>16</sup> No Brasil, durante a campanha presidencial de 2018, circulou, nas redes sociais, uma teoria da conspiração que, apesar de não envolver entidades sobrenaturais, denunciava, em tom alarmista, uma suposta ameaça comunista no País orquestrada pela Ursal, uma entidade fictícia, inventada em meio a uma crítica sociológica, mas que ganhou força de veracidade na medida em que era repetida por diversos agentes políticos. Já em 2021, com a manifestação popular que culminou na invasão do Capitólio e na morte de quatro pessoas nos Estados Unidos, tomamos conhecimento da existência do QAnon, um grupo anônimo de extrema-direita que, antes de ter papel fundamental na organização dessa manifestação, era proeminente em disseminar teorias que incluíam satanistas, pedófilos, canibais e cabala, em conspirações contra o, então, presidente norte-americano, Donald Trump.

<sup>17</sup> No texto, “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1998 [1953]), Lacan pondera a respeito da eficiência da linguagem para o laço social: “À medida que a linguagem se torna mais funcional, ela se torna imprópria para a fala e, ao se tornar demasiadamente particular, perde sua função de linguagem” (p. 300).

A pós-verdade tem se tornado, assim, tema inevitável no debate sobre a manipulação de notícias; sobre a tensão entre o verdadeiro e o falso nos relatos referentes a acontecimentos. De forma concisa, a pós-verdade tem como meta e consequência conduzir a opinião pública em favor de interesses da classe dominante. A pós-verdade é sintoma social que emergiu a partir do esforço investido pelas classes dominantes em influenciar a maneira como as pessoas tomam suas decisões e se posicionam em relação aos seus interesses individuais, os interesses coletivos e os interesses dos detentores dos meios de produção.

### **Realidade e verdade para a Psicanálise**

Para a Psicanálise, não existe uma realidade, mas **realidades**, no plural. Freud fala em “realidade exterior”, em “princípio de realidade” ou em “realidade psíquica”. Lacan, por sua vez, distingue radicalmente as realidades do registro do Real. Nesse caso, a realidade, para Lacan, como explicado pelo psicanalista Ivan Ramos Estevão, na tese, “A realidade, entre Freud e Lacan” (2009), é “constituída na relação entre imaginário e simbólico e no velamento do real, que por sua vez interfere nos outros dois registros, deixando marcas na realidade do sujeito” (ESTEVÃO, 2009, p. 170). O registro do Real é, portanto, tudo aquilo que, no campo da realidade – constituído do imbricamento dos três registros – resiste à simbolização. É o não sentido.

Quando falamos dos acontecimentos representados através de relatos, nos referimos ao que Freud chamou de “realidade exterior” ou, como Estevão descreve, “a coisa, como dimensão do que é percebido, mas que não produz sentido” (ESTEVÃO, 2009, p. 30) ou, ainda, “a cena percebida pelo indivíduo” (2009, p. 52). A “realidade” do acontecimento, ou seja, da realidade externa, é sempre uma representação de atribuição de sentido do sujeito, através da sua percepção, atravessada por seu desejo e por meio da linguagem.

Esgarçando a noção de realidade e representação, a pós-verdade parece servir à ideologia, pois as narrativas, produzidas nesse contexto, inflam a representação da realidade exterior com elementos do Imaginário, a fim de tamponar, com respostas definitivas, a demanda da angústia produzida pelo Real, prometendo gozo absoluto sem implicação com a verdade, como aquilo que resiste ao saber. Assim, em diversos pontos do espectro político emerge a pós-verdade como instrumento alienante de controle da informação e das populações.

Pois bem, falar em realidade e ideologias é invocar os domínios do Imaginário e, nesse âmbito, “a verdade” torna-se questão, já que toda realidade é representação, situando-se em uma zona de sentido – não menos que a pós-verdade –, sendo a única maneira de poder pensar a possibilidade da existência e vigência da realidade, ou seja, do acontecimento. É através do sentido estabelecido sobre a realidade exterior que se transfere escolhas aos propagadores de discurso. Uma vez que o sentido atribuído ao mundo exterior é manipulado, interdita-se a soberania do livre arbítrio. Ou seja, a pós-verdade joga com força pregnante da **alienação**, que detém a entrada em causa da **separação** como condição necessária a qualquer reflexão sobre a problemática do livre arbítrio implicado na chance de apreensão de distorções discursivas.

Uma vez que as narrativas, criadas no contexto da pós-verdade, capturam o sujeito por seus efeitos alienantes, elas são incorporadas em sua “verdade subjetiva”, ou seja, incidem na maneira como o sujeito se vê e fala sobre si no mundo, esquivando-se do inevitável desamparo existencial do humano. Isso porque a pós-verdade busca tecer uma narrativa que garanta um sentido para a vida que tampona, como dissemos anteriormente, a experiência de desamparo inerente ao Real da realidade, estruturada sempre pelo enlaçamento dos três registros.

A verdade está sempre lá, habitando a dimensão do Outro, anteriormente, ao sujeito. Mas este poderá apenas falar sobre verdade de acordo com o seu contexto histórico e limitado pelo alcance narrativo da coleção de significantes que constituem o seu universo simbólico.

Em toda experiência com a verdade, algo sempre resta de enigmático, de inominável e, desta maneira, o sujeito constituirá a verdade de seu desejo, contingente e limitado à realidade exterior. Por isso, Lacan dirá, ao longo de seu ensino, que a verdade é semi-dita. Essa experiência do sujeito com a verdade, e mais precisamente, com aquilo que resta enigmático da verdade, é o que produz a sensação de desamparo, de angústia. E é justamente esta angústia que dará o sinal da existência de uma hiância onde as representações de desejo poderão ser ressignificadas. Para contornar a relação íntima entre angústia e verdade, Lacan dirá que “a angústia não é sem objeto. Nós não somos sem uma relação com a verdade” ([1969-1970] 1992, p. 55). O objeto da angústia é o objeto *a*; o objeto perdido causa de desejo; a marca no Real que faz furo no Simbólico e no Imaginário.

A pós-verdade tem por finalidade uma espécie de remendo de nossa experiência com a verdade. Se a verdade tem como efeito a falta, um espaço vazio propício, não apenas para a angústia e, conseqüentemente, para a emergência do sujeito desejante ali onde o objeto perdido fez furo, – ou pelas palavras de Lacan, “o sujeito está, se nos permite dizê-lo, em uma exclusão

interna a seu objeto” ([1966] 1998, p. 875) – a pós-verdade busca fechar esse espaço, construindo um sentido para tudo aquilo que está indeterminado, a fim de aplacar o sentimento de falta, do desamparo constituinte do sujeito.

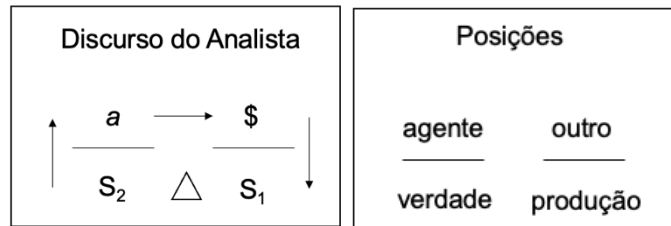
Como vemos, a pós-verdade chega para o sujeito como um texto que formula um saber com sentido definido, apresentado como a verdade. Esse texto afirmativo age sobre o sujeito, tamponando o furo onde pode se presentificar numa narrativa própria. O sujeito é capturado em uma operação alienante, como já dito, por mais absurdas que sejam as ideias veiculadas na narrativa.

Enquanto a verdade tem estrutura de ficção, é espaço criativo de reelaborações de nossa realidade psíquica, de nossas fantasias, a pós-verdade “enforca” esse tipo de experiência ficcional da vida, oferecendo uma narrativa alienada a um líder.

Disso infere-se que a pós-verdade não apenas atravessa, como atropela, as relações interpessoais porque a adesão a ela constitui **uma massa alienada** a um texto-mestre, que obtura a emergência do sujeito e sua chance de tomar posição frente a ele. Nossa realidade compartilhada é, portanto, passível de discussão, passível de ser abarcada por ângulos diversos, mas a aderência a um texto-mestre interfere precisamente na possibilidade desta discussão acontecer de maneira adequada, na medida em que deturpa a verdade através de crenças absurdas.

Quando esse tipo de crença e a verdade são forçadas em um lugar coincidente, fazendo desaparecer a diferença entre elas, produzem-se efeitos que podem ser observados e descritos pela Psicanálise e, mais precisamente, pela teoria dos discursos, assim como formalizada por Jacques Lacan, principalmente, em seu seminário *O avesso da psicanálise* ([1969-1970] 1992).

Nesse seminário, o psicanalista indica a busca pelo sentido como sendo o avesso do discurso analítico que, por sua vez, coloca o analista no lugar do objeto perdido da causa do desejo, estabelecendo ali o lugar para infinitas ressignificações sem nunca fechar um sentido que tampona permanentemente a angústia. “O que se espera de um psicanalista é, como disse da outra vez, que faça o seu saber funcionar em termos de verdade” (LACAN, [1969-1970] 1992, p. 50). É isso que vemos no matema do discurso do analista: o  $a$ , representando o objeto perdido causa do desejo, ocupando o lugar do agente do discurso, e o  $S_2$ , representando o saber, ocupando o lugar da verdade.



Posto isso, a presente pesquisa propõe uma verticalização e aprofundamento das questões relativas à pós-verdade, a partir da Psicanálise, tendo como principal recurso a teoria dos discursos de Lacan.

Apresentamos, a seguir, com inspiração memorialística, e sob à luz da Psicanálise, como os questionamentos presentes nesta tese podem ter se originado, ainda que de forma rudimentar, na trajetória acadêmica da pesquisadora.

## Memorial

Ao se resgatar os dois textos publicados<sup>18</sup>, anteriormente, em nossa trajetória acadêmica - *Jornalismo cultural alternativo - Uma investigação sobre sua história, contexto e importância no Brasil como disseminador e criador de linguagens artísticas através da expressão textual e pictórica, tendo como exemplo a análise da revista Vice* (VIGAR, 2011) e *Poesia e violência: conceitos e percepções em a Febre do rato* (VIGAR, 2013) – pudemos notar que a questão da pós-verdade já se mostrava de maneira embrionária nessas pesquisas, que versavam sobre a produção de conteúdo midiático, tanto para o jornalismo quanto para o cinema.

Aposta-se que os temas desenvolvidos nessas pesquisas pregressas são pertinentes para serem retomados agora, a partir de um recorte, a fim de reconstruirmos, por meio deste texto, o olhar e a escuta que foi percebendo algumas configurações discursivas e constatando construções narrativas ao longo do tempo que, por fim, afigurou-se com isso, que hoje nos interessa, e que denominamos como pós-verdade. Mais ainda, acredita-se que o interesse pelo tema é algo que foi se desvelando (aos moldes de uma verdade heideggeriana<sup>19</sup>) na vida da pesquisadora, desde tempos anteriores à graduação, e achamos válido contar essa história, resumidamente, a fim, até mesmo, de justificar o presente empreendimento. Diante disso,

<sup>18</sup> Nos referimos aqui, somente, aos textos mais longos, estes que conferiram à pesquisadora títulos acadêmicos de pós-graduação. Os artigos menores, que também estão publicados por revistas acadêmicas, não serão contemplados neste memorial, ainda que, sem dúvida, apresentem indícios da presente elaboração.

<sup>19</sup> Cf. capítulo 1.

informa-se que este memorial, daqui em diante, dado seu caráter íntimo, está escrito em primeira pessoa.

No final dos anos 1990, ao terminar meus estudos colegiais, minha vocação profissional apontava para a Comunicação Social, faculdade que, naquela data, desmembrava-se, a partir da metade do percurso da graduação, em cinco subáreas para especialização: Publicidade, Jornalismo, Produção Editorial, Relações Públicas ou Rádio e TV.

Razoavelmente consciente das relações de poder e da submissão humana ao mercado de bens e informação, impressionava-me como a mídia exercia grande influência nas pessoas, principalmente através da publicidade veiculada pela televisão – meio de comunicação de maior impacto no final do século XX, pouco antes da difusão da internet –, instigando minha curiosidade sobre algo que, apesar de não ser verbalizado, atravessava sutilmente a comunicação humana, possibilitando a transmissão de mensagens subliminares intencionadas, principalmente, ao consumo. Por isso, ainda que observando uma certa perversidade nas propagandas que conduziam a massa a um consumo desenfreado e insustentável, através de uma espécie de hipnotismo a serviço da economia capitalista, eu apreciava a criatividade com que as peças publicitárias enlaçavam o consumidor.

Assim, apesar do fascínio pela Publicidade, eu pensava que deveria seguir a carreira jornalística, pois, por um lado, sentia-me insegura frente ao talento criativo esperado de uma publicitária, e, por outro lado, julgava que exercendo o Jornalismo, poderia, de fato, produzir alguma verdade, denunciando as injustiças do mundo e confrontando meus adorados inimigos estimuladores do capitalismo. Minha percepção era de que o jornalismo e a publicidade fossem como dois extremos na Comunicação Social, onde o Jornalismo ocupava o lado mais nobre e a Publicidade o lado mais canalha. Coloquei-me, por óbvio, ao lado dos nobres, e minhas fantasias me colocavam nas grandes redações, em grandes matérias jornalísticas, descortinando e escancarando fatos e acontecimentos. Porém, nas aproximações da fantasia com a realidade, encontrava-me com a vasta concorrência com meus futuros colegas, com a necessidade de me sobressair nos estudos, com visões de fracasso, representadas pelos braços abertos do monstro chamado “escritório de assessoria de imprensa”<sup>20</sup>. Monstro, pois, frente aos obstáculos impostos pelo Eu ideal, a possibilidade de, ao invés de ser uma combatente, em prol da justiça, por meio da palavra, transformar-me em assessora de imprensa, representada pelo horror de

---

<sup>20</sup> Ressalta-se que esse texto se trata de uma (re)leitura (re)memorização de uma época, e que tenho pleno respeito pelos profissionais que trabalham como assessores de imprensa.

escrever matérias encomendadas por empresas de índole duvidosa, era insuportável. Em suma, meu ingênuo projeto de heroína permaneceria indeterminadamente incubado, dando lugar a uma terceira via: a Produção Editorial.

Conclui, dessa forma, a graduação em Comunicação Social, com especialização em Produção Editorial, e, por dez anos, atuei na área, editando, diagramando, produzindo livros e revistas de alcance e conteúdo moderados, sempre ofuscada pelo véu da impossibilidade histórica. Até que, no ano de 2009, me tornei mãe e, pelo menos temporariamente, foi possível eu “ter o falo”<sup>21</sup> - momento este que propiciou algum desvelamento de outros caminhos e, por consequência, minha transição para o universo acadêmico, seguido da Psicanálise.

Porém, mesmo abdicando das agências e produtoras de conteúdo editorial, insistiam em mim alguns questionamentos pertinentes à Comunicação Social. Isso, porque, atuando como produtora de conteúdo eu não respondia a esses questionamentos, apenas operacionalizava algumas estratégias que faziam com que a máquina de produzir efeitos pré-intencionados, no leitor, funcionasse.

É certo que naquela época, não havia a conjectura de fatores que temos hoje comendo a pós-verdade. Mas já, desde aquela época, e antes disso também, construíam-se narrativas com o intuito de beneficiar o cliente ou, ainda, difamar o opositor. Houve, inclusive, uma situação em que trabalhei, em uma agência de produção de conteúdos institucionais, como licitada, na construção de um “Portal de Informações” da SECOM (Secretaria da Comunicação do governo brasileiro), cujo conteúdo que produzíamos era direcionado para o público em geral, para o cidadão brasileiro e, também, estrangeiros, onde, além de reunir informações sobre os serviços relativos à cidadania, ao turismo e a investimentos no País, como documentações e leis, publicávamos algumas matérias, pautando sempre assuntos convenientes e, muitas vezes, maquiando dados, a fim de favorecer a aparência do órgão executivo, nosso cliente, perante o povo brasileiro e a comunidade internacional, neste site que era traduzido em três idiomas, além do português.

---

<sup>21</sup> A posição da histórica é aquela cujo desejo é permanecer como "precioso objeto de discurso" (LACAN, 1969-70, p. 32). A maternidade trás para a mulher a possibilidade da completude fálica, quando o filho ocupa o lugar de metonímia do desejo do Outro materno e apêndice do corpo da mãe. Por isso podemos dizer que a mulher que se torna mãe é um sujeito que "tem o falo", diferente da histórica que “é o falo”, ou seja, é o “preciso objeto de discurso”.

Hoje, posso formular as inquietações que me levaram por esse caminho da Comunicação Social com os seguintes questionamentos: Como a publicidade e o jornalismo, atravessados pelo *establishment*, são capazes de direcionar um grupo a acatar uma ideia, muitas vezes sem mencionar nem mesmo uma palavra a respeito daquilo que se intencionava sugerir? Como os meios de comunicação operam nas entrelinhas dos ditos? Como é possível manipular um enunciado, forjando até mesmo contextos históricos - ou seja, a enunciação - de modo a sugestionar um grupo a consentir segundo intenções veladas? Entendo, hoje, somos altamente sugestionáveis e que a concessão a ideias absurdas é um produto de fatores calculadamente articulados a fim de promover uma ilusão, e que tem como efeito a recusa da verdade. Aqui me aproximo dos questionamentos acerca da pós-verdade que me trouxeram a defender a presente tese.

Insisto: ainda que essas perguntas não tenham sido, diretamente, feitas, elas foram tangenciadas tanto na monografia, apresentada como conclusão de curso de pós-graduação *lato senso*, na FAAP, quanto na dissertação de mestrado *stricto senso*, pela Universidade Mackenzie.

A) *Jornalismo cultural alternativo – Uma investigação sobre sua história, contexto e importância no Brasil como disseminador e criador de linguagens artísticas através da expressão textual e pictórica, tendo como exemplo a análise da revista Vice*

Na monografia, a propósito do tema “jornalismo cultural alternativo”, pesquisei a historiografia das publicações que se diferenciavam do *mainstream*, proclamando-se “independentes”. Primeiramente, foi necessário esclarecer melhor o predicado “independente” ou “alternativo”: independente de quem? Alternativa em relação a quê? O objetivo do estudo era entender “como o jornalismo cultural alternativo é agente criador de novas linguagens artísticas” (VIGAR, 2011, p. 5), promovendo pautas contestadoras e críticas às práxis da economia capitalista, ainda que financiado pelas grandes empresas. Ou seja, ainda que estas publicações estejam inseridas no sistema do qual elas, aparentemente, realizam críticas.

No contexto da época, o jornalismo no meio impresso ainda circulava em maior quantidade do que no *online*, e era possível demarcar mais ou menos a diferença entre “alternativo” e “*mainstream*”, entre o “independente” e a “grande mídia”<sup>22</sup>. Dois eixos

---

<sup>22</sup> Hoje, a dinâmica do cenário midiático está reconfigurada pela proliferação de redes sociais, tornando mais complexo saber qual veículo está submetido a qual ordem. Muitos perfis que iniciam sua atuação independentemente, quando atingem uma certa visibilidade são, logo, comprados e incorporados a grandes sites. Na mesma velocidade, vemos um movimento oposto: criadores de conteúdo que iniciaram dentro de grandes

nortearam a distinção: o modelo de financiamento, distribuição e produção, e o tipo de linguagem utilizada na transmissão do conteúdo:

Neste cenário, a principal diferença entre a grande imprensa e a imprensa alternativa é que, enquanto a primeira trata suas notícias com hipotética imparcialidade e objetividade, – e sendo ela mesma uma estrutura poderosa e dominante – a segunda, a imprensa alternativa, salvo exceções, adota uma posição, que buscará defender em nome de uma ideologia e, geralmente, na contramão do que a grande imprensa está fazendo. (VIGAR, 2011, p. 10)

Como objeto de estudo, elegi a revista *Vice*, que foi idealizada, em 1994, no Canadá, por um paciente de uma clínica de reabilitação para viciados em heroína, e financiada por incentivo governamental, expandindo suas atividades, é hoje um grupo midiático internacional de capital aberto, com investimentos provenientes do *The Walt Disney Company*, do *Soros Fund Management*, entre outras corporações.

Se hoje, financiada tanto pela publicidade quanto por esta rede de investidores, ela produz material audiovisual para diversas plataformas multimídia, no início de sua atividade, era distribuída gratuitamente apenas no formato impresso, nos mais de 20 países em que se estabeleceu. Além disso, apresentava pautas que se destacavam pelo conteúdo e pelo estilo em que estes conteúdos eram tratados. Nas palavras do editor Andy Capper<sup>23</sup>:

Nós nos vemos como a CNN para a garotada que não assiste à CNN. Sentimos que há coisas que as pessoas devem saber. De certa forma nós tentamos educar as pessoas, seduzindo-as para se interessarem. “Veja! Tennis!...”, e, então, você descobrirá que é uma história sobre a Libéria ou Serra Leoa (CAPPER, 2006 *apud* VIGAR, 2011, p. 54).

Este tipo de recurso, apresentado por Andy Capper, nos remete à estratégia utilizada pelos criadores de *click-baits*<sup>24</sup>, incitando-nos a pensar em táticas de manipulação da linguagem “pré-pós-verdadeiras”, para conduzir o leitor a uma determinada ideia.

No trabalho sobre jornalismo cultural alternativo, foram tratadas tanto algumas implicações entre as decisões de pautas jornalísticas e a agenda da indústria cultural, quanto as

---

veículos, são exonerados ou escolhem sair, trilhando carreiras independentes, porém sempre submetidas aos algoritmos das plataformas como Google ou Facebook.

<sup>23</sup> Andy Capper foi editor e produtor da Vice Media entre 2001 e 2017.

<sup>24</sup> Os *click-baits* (“iscas de clique”) são uma modalidade da comunicação digital para disseminar notícias com o objetivo final de monetizar o acesso aos *websites*, intensificando o tráfego de navegação virtual por meio de conteúdos sem compromisso algum com a qualidade ou mesmo com a veracidade, sendo na grande maioria das vezes, conteúdos sensacionalistas e/ou falsos.

interferências dos meios de produção e das formas de distribuição na comunicação da mensagem, temas que em seu desenvolvimento também se aproximam da presente pesquisa.

B) *Poesia e violência: conceitos e percepções em a Febre do rato*

Já, o segundo texto de minha trajetória acadêmica, a dissertação *Poesia e violência: conceitos e percepções em a Febre do rato* (Vigar, 2013), partiu da historiografia da produção cinematográfica pernambucana, dando ênfase a sua fase contemporânea, principalmente, ao cineasta Cláudio Assis e, tomando como objeto central da dissertação, seu filme *A Febre do Rato* (2011). As principais fontes teóricas que orientaram a pesquisa foram selecionadas a partir do filósofo Slavoj Žižek (1949), por quem, primeiro, tive acesso à teoria psicanalítica.

Porém, dada a natureza interdisciplinar do programa acadêmico em que eu estava inserida (Educação, Arte e História da Cultura), foram abordadas conceitualizações advindas de diversas áreas - como "espaço anômico" e "vida nua" (da filosofia do Direito, desde Walter Benjamin [1892-1949] e Giorgio Agamben [1942]), o "anti-humanismo" (desde Louis Althusser [1918 – 1990] e Michel Foucault [1926-1984], e "significante-mestre" (da Psicanálise, desde Žižek e Lacan) - para contemplar as ideias exibidas no filme analisado.

Febre do rato é uma expressão que tanto alude à doença da leptospirose, abundante no principal rio recifense, o Capibaribe, quanto é usada como gíria, naquela região, para denotar excessos. Assim, por exemplo, o filme *A Febre do Rato* é anunciado já no filme anterior de Claudio Assis, *Baixio das Bestas* (2006), quando, na cena final, mostra dois personagens abrigados de uma tempestade sob um toldo de sapé, e um deles diz: “Eita chuva da febre do rato!”, significando, “Eita chuva descontrolada!”, “forte”, “exagerada”.

Trazendo um recorte temporal da atualidade - cerca de seis meses, entre a Páscoa e o Dia da Independência - na vida de Zizo - um poeta anarquista, morador da capital pernambucana, Recife, e escritor independente de um fanzine<sup>25</sup> impresso artesanalmente - o filme retrata o ativismo deste protagonista que não sucumbe às novas tecnologias e às injunções do capitalismo (consuma! Goze!), vivendo em meio a conflitos tanto pessoais, quanto sociais.

Zizo é um homem apaixonado pela liberdade, porém, sua paixão o coloca em uma posição díspar em relação tanto ao amor romântico, quanto às noções de liberdade, as quais

---

<sup>25</sup> O nome do fanzine é também Febre do Rato. Assim, esta expressão é, além de uma alusão ao significado da gíria pernambucana e à leptospirose, como dissemos acima, também uma referência ao fanzine de Zizo. Interessante notar - e isso eu não havia percebido até o momento, enquanto faço esse memorial - que, apesar de eu ter passado de uma monografia sobre o jornalismo alternativo para uma dissertação sobre o cinema, o tema do jornalismo alternativo persistiu, indiretamente, por meio do personagem Zizo, em minha pesquisa.

estamos submetidos dentro da ordem simbólica em que o significante-mestre se encontra em declínio, sendo, segundo Žižek, este declínio, “característica básica do nosso mundo pós-moderno” (2011, p. 48).

A noção de significante-mestre, central para a conclusão da dissertação - e também para o desenvolvimento da presente tese - esclarece como o fio que guia (como sugere a palavra mestre) as leis e tradições dos costumes de uma civilização.

Significante-mestre é um conceito lacaniano, para denotar, "o conjunto de regras fundadas para si mesmas ('é assim porque é, porque é o nosso costume)" (ŽIŽEK, 2011, p. 41), "um gesto decisivo, que não pode ser baseado na razão, é o Mestre" (ŽIŽEK, 2008, p. 35). Não obstante, o declínio do significante-mestre, longe de atenuar as injunções do mestre, apenas cria novas conformações. “O Mestre é ingrediente constitutivo da própria ordem simbólica, por isso as tentativas de superar a dominação só geram novas figuras de Mestre” (ŽIŽEK, 2013, p. 28).

[...] longe de nos libertar da pressão da culpa, essa dispensa do Significante-Mestre tem um preço, o preço assinalado pela qualificação de Lacan do comando do supereu: "Nada força ninguém a gozar, exceto o supereu. O supereu é o imperativo da *jouissance* - Goze!"<sup>26</sup> Em resumo, o declínio do Significante-Mestre expõe o sujeito a todas as armadilhas e duplos sentidos do supereu: a própria injunção de gozar, em outras palavras, a mudança (muitas vezes imperceptível) da permissão de gozar para a injunção (obrigação) de gozar sabota o gozo, de modo que, paradoxalmente, quanto mais alguém obedece o comando do supereu, mais se sente culpado. Essa mesma ambiguidade afeta a própria base da sociedade "permissiva" e "tolerante". "Vemos dia a dia que essa tolerância não passa de um fanatismo, já que tolera apenas a sua própria vacuidade"<sup>27</sup>. E de fato, toda decisão, todo o envolvimento determinado, é potencialmente "intolerante" para com todos os outros. (ŽIŽEK, 2011, p. 49)

Zizo é anarquista e refuta qualquer tipo de dominação, qualquer forma de mestria, proclamando o seguinte manifesto, pelas ruas do Recife, no início do filme:

O jornal Febre do Rato continua a servir de veículo contra as classes dominantes,  
seja ela qual instância que for.

De rico contra pobre.

De pobre contra pobre.

De classe média contra pobre.

De classe média contra classe média.

<sup>26</sup> [nota de Žižek] Jacques Lacan, *On Feminine Sexuality: The Seminar, Book XX* (Nova York, Norton, 1998), p. 3.

<sup>27</sup> [nota de Žižek] Alain Badiou, *Logiques de mondes*, op.cit., p. 533.

Embora não deixe de proclamar seu anseio pela liberdade através da poesia, o protagonista parece saber que sua luta já está vencida. Assim, ele se volta para a câmera, (quebrando a quarta parede<sup>28</sup>) dirigindo-se aos espectadores, e diz:

A imbecilidade venceu a parada quem ganha tem a verdade  
e o que ficou é isso aí que a gente pode ver.  
Não tem nada, não tem espírito coletivo, não tem porra nenhuma.  
Olha lá! O festival do eu acanhado, a caravana dos milagres sem realização. A  
lógica do umbigo miúdo [apontando para a câmera]  
A trepada sem prazer, o futebol sem bola, a porra da boca sem a porra da língua.

Mais para o final do filme, Zizo exprime, objetivamente, a impossibilidade de evitar a existência do “significante-mestre quando, em meio ao seu protesto durante o desfile militar de 7 de Setembro, grita, ‘até a anarquia precisa de tradição!’” (VIGAR, 2014, p. 89).

Voltando às frases proclamas por Zizo, citadas acima, ao quebrar a quarta parede, constata-se ainda um dos efeitos do declínio do significante-mestre, intimamente ligado à fixação da lógica do excesso no discurso capitalista, manifestado, segundo Žižek, principalmente, pela injunção de um supereu hedonista neoliberal:

Não se trata mais da antiga noção da "medida certa" entre prazer e temperança, mas sim de uma espécie pseudo-hegeliana de coincidência imediata dos opostos: ação e reação devem coincidir, a coisa que é prejudicial já deve conter em si o remédio para os males que causa. Não nos dizem mais "beba café, mas com moderação!"; agora a regra é "beba todo o café que quiser, pois o café já está descafeinado (ŽIŽEK, 2003, p. 25).

Trata-se do que observamos hoje no laço social, como uma “redefinição contemporânea da política como arte da administração especializada – isto é, da política sem política” (ŽIŽEK, 2003, p. 25), através da instrumentalização de fatores linguísticos, psíquicos e tecnológicos, e que não apenas dispensava a dita “antiga política”, como ensejou um tipo de liderança ainda menos afeita à democracia.

No filme, Zizo é repreendido por policiais e seu corpo é jogado, desacordado, no rio Capibaribe. O protagonista desaparece; sua poesia, seu fanzine e suas ideias são assim caladas, no Dia da Independência.

---

<sup>28</sup> Expressão das artes dramáticas para se referir ao momento em que o ator, quebrando com a convenção de que há uma parede imaginária entre ele e o seu público, fala diretamente ao público, inserindo-o na cena.

Mas, seus atos não são retratados no filme apenas em sua heroicidade pela liberdade. Eneida, personagem por quem o protagonista se apaixona, diz que Zizo “como poeta é um ótimo publicitário”. Na dissertação, essa fala foi interpretada como se as opiniões de Zizo:

são vendidas no grito, na performance, porém são rasteiras, não inovam de fato, como uma propaganda que se restringe à superfície do produto, enquanto vende um estilo de vida que nunca se cumprirá. Assim, tiramos Zizo de sua posição de protagonista herói, para questionar sua atividade. Nos parecendo que Zizo está fazendo, politicamente, exatamente o que se espera: nada; enquanto goza, cumprindo a injunção do supereu, em sua poesia (VIGAR, 2014, p. 89).

E aqui, pontuo um gancho que entendemos como um pensamento embrionário da presente pesquisa, a respeito de dois elementos, dentre outros, característicos da pós-verdade: a independência da informação não é, necessariamente, atributo de sua virtude; e, a performividade ou o estilo, presente na emissão de uma mensagem, gera um impacto de identificação e, conseqüentemente, a aderência de um público que, na massa, ou no grupo, reforçará a ideia da mensagem. Este funcionamento nos é certificado tanto pelo texto “Psicologia das massas e a análise do Eu” (FREUD, 2011 [1921]), quanto pelo funcionamento que observemos, na contemporaneidade, das “bolhas informacionais”, que serão retomadas mais adiante.

### **Da continuidade de nossa trajetória acadêmica ao presente trabalho**

Elaborada entre 2012 e 2014, a dissertação teve como pano de fundo o desenrolar das manifestações de 2013, iniciadas na cidade de São Paulo, e cujo gatilho foi o aumento de R\$ 0,20 no transporte público. Porém, dada a falta de representatividade política, uma vez que o, então, prefeito da cidade, Fernando Haddad – mandatário de uma ideologia esquerdista e que, supostamente, deveria apoiar os manifestantes – consentiu com a oposição, representada pelo, então, governador do estado, Geraldo Alckmin, impedindo, com a força da polícia militar, os atos contra o aumento, o que resultou em um levante popular sem aparentes líderes, organizado de maneira pulverizada através de redes sociais, e, dificultando, assim, a construção de uma demanda clara, que deixou de ser apenas pelos R\$ 0,20, e passou a ser contra toda a instituição política.

Essa desestabilização institucional na representatividade democrática da política brasileira – equivalente a um declínio do significante-mestre<sup>29</sup> – promoveu tanto a emergência de partidos políticos que reivindicavam uma “política como arte da administração”, através de movimentos como o “Vem pra rua”, quanto promoveu fenômenos como a acessão do discurso do ódio e da ultrapolarização política, em meio os quais, acreditamos, vivemos hoje.

Sabemos que as manifestações pelo descrédito na representatividade política não ocorriam apenas no Brasil, mas por motivos diversos, foram incitadas, naquela época, em várias partes do mundo, como, por exemplo, no Oriente Médio, com a Primavera Árabe, em 2010, e, nos Estados Unidos, com *Occupy Wall Street*, em 2011.

As ideias que circulavam em meio a tais protestos eram disseminadas, através das redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, o que possibilitava, não apenas o anonimato de quem as publicavam, mas também a constituição das chamadas “bolhas informacionais”.

Nesse contexto em transformação, passamos a viver também uma crise de credibilidade da dita “imprensa oficial”, ou seja, dos grandes veículos *mainstream* que, até então, controlavam a circulação de informação em massa, tendo como contraponto apenas poucos veículos independentes, como o analisado na monografia *Jornalismo cultural alternativo – Uma investigação sobre sua história, contexto e importância no Brasil como disseminador e criador de linguagens artísticas através da expressão textual e pictórica, tendo como exemplo a análise da revista Vice* (VIGAR, 2011).

Assim, o aspecto da mídia alternativa foi tomando outra forma, na medida em que as “bolhas informacionais” se intensificavam, principalmente com popularização do *Whatsapp*, onde as mensagens eram disparadas em larga escala, reforçando opiniões, muitas vezes, construídas sem embasamento crítico.

A democratização dos meios de comunicação e a ascensão da imprensa alternativa – que, até então parecia mais crítica e apropriada, na visão da pesquisadora – passou a se mostrar como um problema internacional, na medida em que muitas entidades e indivíduos se “profissionalizaram” em disseminar (des)informações e absurdos, criando um ambiente de medo e ódio, por meio de narrativas que manipulavam textos e imagens, tanto acusando quanto

---

<sup>29</sup> Arriscamos dizer que, naquele momento, o significante-mestre não apenas sofreu um declínio, mas despencou na credibilidade de grande parte dos cidadãos brasileiros.

ridicularizando acontecimentos e personagens, a despeito da veracidade do conteúdo, corroborando para o contexto da pós-verdade, no qual vivemos.

Ainda que, enquanto escrevemos esta tese, as estratégias de disseminação da (des)informação continuem sendo aperfeiçoadas, não devemos deixar de mencionar que, ao mesmo tempo, existem também iniciativas procurando sofisticar os mecanismos de regulamentação dos meios de comunicação, para proteger a população dos malefícios da pós-verdade, sem que a liberdade de expressão seja prejudicada.

Diante desse cenário, esta tese, partindo do campo em que estamos inseridos, a Psicanálise, pretende tanto apresentar algumas ideias já propostas por psicanalistas brasileiros para pensar sobre a pós-verdade, quanto discutir o funcionamento dos discursos como propostos por Lacan, a fim de desvendarmos os engendramentos da pós-verdade, pois acreditamos que a arma mais importante contra a desinformação seja tão óbvia quanto a Terra ser redonda: a educação, por meio do pensamento crítico, em sua relação com a verdade. Ou seja, uma educação que admita nossa condição de ser faltante, mas que também, nos faculta, a partir dessa hiância da falta, um espaço de criatividade para reinvenção da subjetividade, em um mundo tão marcado por convicções absurdas e pela intolerância com as diferenças.

Assim, a primeira decisão metodológica, é importante observar, recaiu sobre a tentativa de *explicar*. Faz-se, portanto, a diferença entre explicar e compreender, sendo que esta pesquisa, recorda-se, tenta *explicar* ou desdobrar, a partir da Psicanálise, a pós-verdade como um sintoma social resultado das articulações em nosso laço social.

Semanticamente, compreender tem um sentido limitante, relacionado à ideia de “abraçar”, de “abarcara”, de “encerrar”. Já, a palavra explicar está relacionada à ideia de um desdobramento. De origem latina, o prefixo *ex* de *explicare* significa “para fora” e *plica*, vem da palavra *plico*, “dobrar”. Assim, “explicar” estaria próximo a um “desdobramento”, e não a um fechamento sobre um assunto. Explicar não é compreender. Lacan foi um crítico da ideia de compreensão e dizia, a respeito de sua coletânea de textos, os *Escritos* (1966), que não escrevia para ser compreendido e, sim, para ser lido, pois no seu entendimento, os próprios escritos “fazem algo a elas [pessoas]” (LACAN, 1974).

O explicar, desdobrar, também é inspiração para a estruturação da própria tese, na medida em que abordamos um assunto, a pós-verdade, ao mesmo tempo em que seus efeitos se desenrolam em nossa cultura.

Até mesmo a teoria que escolhemos para abordar a pós-verdade – a teoria dos discursos – nos parece, como vemos na bibliografia adotada, aberta a interpretações por parte dos psicanalistas que se dedicam a ela. No entanto, ainda assim, tentaremos, quando possível, nos posicionar na tentativa de esclarecer, ao menos, algumas especificidades de nossa questão, a saber, as implicações subjetivas que constituem o laço social determinante da pós-verdade.

Para tanto, o primeiro capítulo se dedica a retomar a questão da verdade para a Psicanálise; o capítulo 2, a alicerçar o terreno com os conceitos fundamentais de nossa pesquisa e a forma como nos apropriamos dele para elaborarmos nossa hipótese; e o capítulo 3 abordará a pós-verdade através de uma bibliografia de psicanalistas brasileiros, para enfim, tecermos nossas considerações para concluir a pesquisa.

## 1. A QUESTÃO DA VERDADE: DIREÇÕES

A verdade é uma palavra de primeira ordem em nosso cotidiano, repetida, constantemente, em todas as culturas. Porém, ainda que a usemos tanto, raramente pensamos que essa palavra vai muito além de sua função predicativa, não apenas qualificando, mas também organizando a posição epistemológica, no âmbito de pesquisa científica. Nesse sentido, parte-se sempre de uma suposição de verdade para que se possa desenlaçar qualquer questão, mesmo que a única verdade que se tenha é a de que tudo o que tenhamos como uma suposta verdade deva ser colocado em suspensão, como o fez Descartes em sua *dúvida metódica*.

As “verdades”, que trocamos em nosso dia a dia, estão sempre contaminadas por nosso ponto de vista, por nosso desejo, por nossa história e por nosso contexto. Essa verdade, poderíamos dizer, em última instância, seria uma regra sem exceção. Mas, quando falamos a verdade a partir de nossa experiência, não estamos falando de uma regra, pois as experiências pessoais são, no geral, subjetivadas e contingentes. E aí reside o problema dos relatos que trocamos em nosso dia a dia, pois podemos relativizar qualquer afirmação, desde a mais banal até a mais complexa: o que é verdade para um, pode não ser verdade para outra pessoa. Isso nos conduz ao problema das *fake news*, na medida em que uma informação pode ter mais que uma interpretação.

Este trabalho, além de visar uma discussão sobre a pós-verdade a partir da teoria dos discursos, diferencia pós-verdade de *fake news*, como já anunciado na introdução. Fundamentamos essa diferenciação ao distinguirmos as concepções de verdade, indicando a complexidade da questão: da Filosofia Clássica, trataremos algumas concepções de verdade para se tratar de *fake news*, pois acreditamos que no âmbito da avaliação da legitimidade das informações, ou seja, para avaliar se um relato é falso ou verdadeiro, é a verdade próxima da Filosofia clássica, como adequação entre um acontecimento e o que é dito sobre ele, que dá conta dessa manifestação; da Psicanálise, pensaremos no efeito de verdade como desenvolvida nos seminários e escritos de Lacan, relacionando-a a uma dimensão da linguagem, para assim tratarmos da pós-verdade, que afeta, de forma sensível, o laço social.

Ressaltamos que a concepção dessa verdade, que tanto nos interessa na discussão da pós-verdade, apesar de ganhar contornos próprios na Psicanálise, com o advento do sujeito dividido pela emergência do inconsciente, só pôde ser pensada por Lacan a partir da Filosofia, principalmente, de Descartes e Heidegger. Esta verdade, da Psicanálise, será fundamental, como vemos na teoria do discurso, nos engendramentos do laço social e, diferentemente da

verdade da Filosofia, ela só tem relação com os acontecimentos na medida em que irá representá-los a partir dos significantes que estão postos em sua dimensão, como meio de dizer algo sobre o que se quer, mesmo que, com os significantes, minta-se. A Verdade, para Lacan, seguindo a filosofia heideggeriana, é uma dimensão que só pode ser descoberta a partir do dizer. Por isso, Lacan nos diz – como o fez em “Televisão” (1974) – sempre dizer a verdade, pois todos os significantes usados na fala, mesmo que intencionados a uma mentira, surgem dessa dimensão da Verdade. A Verdade, para a Psicanálise, é a dimensão onde brotam os significantes da fala no lugar do Outro.

Esta pesquisa, assim como Lacan, utiliza-se do recurso gráfico do A maiúsculo para se referir ao lugar do Outro. Sucintamente, neste capítulo, sempre que possível, utilizamos o A maiúsculo para falar sobre A Verdade (também com V maiúsculo), referenciando, assim, o conceito lacaniano de verdade que, como veremos a seguir, não é redutível a um saber. Trata-se de, segundo Lacan, um lugar, uma “diz-mansão” – como nomeado pelo psicanalista – de possibilidades tão numerosas quanto as possibilidades de encadeamentos de significantes. Dito de outra forma, como veremos neste capítulo, podemos dizer que **A Verdade, para a Psicanálise, é a diz-mansão do “saber que não sabe”** – o saber do inconsciente que a consciência não sabe – e, quando este saber passa a ser sabido conscientemente, ele deixa de ser verdade para ser saber. Assim, A Verdade não se trata de um saber absoluto sobre algo, mas de uma dimensão de revelações possíveis do saber, no lugar do Outro. Assim, Lacan, no Seminário 20, relaciona A Verdade e o saber com o lugar do Outro da seguinte forma:

Será preciso dar toda essa volta para colocar a questão do saber na forma: *quem é que sabe?* Será que a gente se dá conta de que é o Outro? – tal como de começo o coloquei, como o lugar onde o significante se coloca, e sem o qual nada nos indica que haja em parte alguma uma dimensão de verdade, uma diz-mansão, a residência do dito, desse dito cujo saber põe o Outro como lugar (LACAN, [1972-1973] 2008, p. 103).

Temos, assim que, as *fake news*, ainda que sejam mentiras, proposições falsas, de acordo com o caráter filosófico da verdade – correlação entre enunciado e acontecimento –, elas advêm da dimensão d’A Verdade, do lugar do Outro. A pós-verdade, por sua vez, é um sintoma social, expresso a partir de uma forma de enlaçamento social – a estrutura do capitalismo, apresentado pelo discurso do mestre, como veremos no Capítulo 2 – efeito da dimensão de Verdade que sustenta o semblante (ou agente) de nosso laço social (discurso), ou seja, o capitalismo. “A verdade é a dimensão ou diz-mansão [...] estritamente correlata àquela do semblante. Alguma coisa é indicada, afinal, de onde quer chegar esse semblante” (LACAN, [1971], 2009, p. 25-26).

Esta Verdade é localizada, portanto, na fórmula dos discursos como lugar da causalidade, e o seu efeito sintomático aparece na disjunção entre a produção do discurso e a sua causa.

Sobre as *fake news*, devemos considerar, *a priori*, toda a complexidade envolvida em termos de uma impossível objetividade na comunicação de uma informação, partindo do simples pressuposto de que uma informação verdadeira, em oposição a uma *fake news*, estaria predicada com a verdade de acordo com o entendimento filosófico clássico do conceito, que veremos a seguir. Já a pós-verdade, para entendermos como um sintoma social, precisamos pensar no conceito pelo viés psicanalítico d'A Verdade – referente a uma dimensão da linguagem, ou seja, uma dimensão do lugar do Outro – que mobiliza, como termo causal, a engrenagem de produção do laço social, ou seja, do discurso.

Veremos a seguir a diferença da verdade para a Filosofia como parâmetro para estabelecer se um relato é legítimo ou não, e A Verdade para a Psicanálise, entendida como elemento determinante, se pensarmos na Psicanálise em Extensão, do laço social; portanto, peça fundamental para entendermos a pós-verdade como um sintoma social, através da teoria dos discursos.

### 1.1. A verdade como problema filosófico

Trataremos de forma bastante breve a questão da verdade na Filosofia. A rigor, apresentamos concepções retiradas de Ferrater Mora (1978) para iluminar a diferença no tratamento da questão na Psicanálise. Segundo o Dicionário de Filosofia<sup>30</sup>: “o vocábulo verdade é usado primariamente em dois sentidos: para se referir a uma proposição e para se referir a uma realidade” (MORA, 1978, p. 291). Esse dicionário aborda concepções de verdade que foram elaboradas ao longo da história da Filosofia, começando com os gregos antigos que procuraram “a verdade face à falsidade, à ilusão, à aparência...” ou “idêntica à realidade”, ou, ainda, “a verdade como propriedade de certos enunciados” (MORA, 1978, p. 291). É a partir desta perspectiva, da **Filosofia Clássica**, que Aristóteles formula a frase, “dizer do que é que não é, ou do que não é que é, é o falso: dizer do que é que é e do que não é que não é, é o verdadeiro” (*ibidem*, p.291), exprimindo com isso o que virá a ser a **concepção lógica ou**

---

<sup>30</sup> A introdução do dicionário compilado por Ferrater Mora nos serve como preâmbulo para a discussão sobre a verdade em Beer e Iannini. Entendemos que um verbete de dicionário demanda aprofundamento de cada conceituação. Desse modo, já que a Filosofia não está no centro deste trabalho, estes parágrafos iniciais servem apenas para apontar para a complexidade da questão da verdade.

**semântica da verdade**, entendendo que “não há verdade sem enunciado” (*ibidem*, p. 291). É esta abordagem da verdade corrente – como correlação entre aparência e enunciado – quando se fala em *fake news*.

Já na **Filosofia Moderna**, a partir do cogito cartesiano, ao “reduzir-se todo o ser a conteúdo de pensamento, a verdade terá que fundamentar-se no próprio pensamento, e, portanto, em suas leis formais” (MORA, 1978, p. 292), acrescenta-se, dessa forma, à concepção lógica ou semântica, uma **concepção idealista** da verdade. Assim, passando por Espinosa, para quem a “ordem e conexão das ideias serão as mesmas que a ordem e a conexão das coisas” (*ibidem*, p. 292); por Kant, para quem a verdade deve ser “do conhecimento, coincidente com a verdade do ser conhecido” (*ibidem*, p. 292); e por Hegel que em busca de uma verdade absoluta constata que todo o verdadeiro é o todo e que a verdade é uma totalidade ontologicamente indizível (*ibidem*, p. 292).

Já os pós-hegelianos, apontados pelo Dicionário de Filosofia como os filósofos da época atual, voltam-se para a teoria escolástica e procuram “novamente a verdade na coincidência do intelecto” (MORA, 1978, p. 293). Para Hurssel, “a verdade é o resultado da apreensão da relação da evidência” (*ibidem*); Heidegger, por sua vez, retoma o conceito pré-socrático de verdade, a *aletheia*: ele “nega que a verdade seja primariamente adequação do intelecto com a coisa e sustenta, de acordo com o primitivo significado grego, que a verdade é descoberta” (*ibidem*, p. 293).

E, aqui, estamos nos aproximando, na corrente da Filosofia, da concepção psicanalítica da verdade, pois será a verdade como *aletheia* que interessará a Lacan na elaboração sobre o desejo inconsciente: uma verdade – a do desejo inconsciente – que, na teoria dos discursos, ocupará a posição de dominância do matema. É, portanto, a verdade como concebida na Psicanálise que nos interessa para investigar a questão da pós-verdade, já que como um sintoma social, ela será analisada a partir da teoria dos discursos. As *fake news*, por sua vez, são detectadas, distinguindo o verdadeiro e do falso como a verdade da Filosofia Clássica, no âmbito de uma negociação, como sugere Beer (2020), de um consenso, através de fatores epistemológicos, ontológicos, éticos e políticos, como veremos mais adiante nesse capítulo. No caso dos relatos que compõem as narrativas, espera-se que uma proposição seja verdadeira a

respeito da realidade<sup>31</sup> e, podemos dizer que o principal índice da pós-verdade, as *fake news*, sejam, de fato, falseamentos da realidade, sendo elas ingênuas ou maliciosas.

Assim, para avaliar a plausibilidade de um relato ou narrativa, emprega-se a **concepção semântica ou lógica** da verdade e, assim, entendemos, nessa pesquisa, as *fake news* como narrativas, que não correspondem ao consenso estabelecido entre um acontecimento e o que é possível se dizer dele, disseminadas a fim de fazer manobras políticas.

Dessa forma, o que nos interessa aqui é, portanto, a pós-verdade na medida em que, como um sintoma social, poderemos entendê-la levando em consideração A Verdade na Psicanálise, situada em um lugar de determinação na teoria dos discursos.

## 1.2. Verdade: conhecimento científico e revelação

Frente à necessidade de fazer trabalhar o assunto desta tese, que introduz, de modo incontornável, o problema teórico da verdade para a Psicanálise, elegemos, para situar a questão, dois autores que o trataram de forma aprofundada – Gilson Iannini (2012) e Paulo Beer (2020), pela atualidade de suas obras e detenção criteriosa sobre “verdade”<sup>32</sup> – não sem antes (ou de par), reconhecer a importância e realizar um levantamento dos lugares de incidência do conceito de verdade na obra de Jacques Lacan (1901-1981), localizando, inclusive, as aparições da palavra “verdade” ao longo dos Seminários aos quais temos acesso em português, pela editora Zahar. O resultado desse levantamento, cujo objetivo foi destacar a relevância da questão da verdade na Psicanálise lacaniana e guiar a reflexão que se desenvolve nesta tese, está publicado em um *blog*<sup>33</sup>, e disponível para leitura e *download* a possíveis interessados na discussão da “verdade” nos Seminários de Lacan.

Ressaltamos que o esforço de nossa pesquisa se dirige à tentativa de produzir um dizer que possa dialogar com outros sobre a inquietude introduzida pela pós-verdade; admitindo, de saída, a permanência milenar da reflexão sobre a verdade, esta, implicada na expressão pós-verdade, que tem características próprias de nosso tempo. Nesta direção, e por força da

<sup>31</sup> Como já vimos na Introdução a questão da realidade é tão complexa quanto a questão da pós-verdade. Mas para tentarmos cercear o que entendemos por *fake news* em relação à realidade nos alicerçamos na noção freudiana de “realidade exterior”, ou como propôs Gilson Iannini, a respeito dessa realidade, como sendo uma “realidade pré-discursiva alheia ao sujeito que fala” (IANNINI, 2012, p. 69).

<sup>32</sup> O processo de varredura bibliográfica sobre a Verdade na Psicanálise, mesmo frente a inúmeros descritores e categorias de inclusão e exclusão, seria uma tarefa sem a garantia da produtividade, de teor puramente inventariante. Dito em outras palavras, renunciou-se a uma revisão bibliográfica nesses moldes em prol de uma escolha que se deu com linha de corte para inclusão, trabalhos de psicanalistas contemporâneos e presentes nas discussões atuais.

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://vivianvigar.blogspot.com/2022/09/ocorrencias-do-conceito-de-verdade-nos.html>>

formação da pesquisadora, trazemos a Psicanálise como fonte teórica dinâmica, que tem feito presença em discussões a respeito de temas como a pós-verdade, que podem ser considerados externos à abrangência de seu campo conceitual.

As teses dos dois psicanalistas – Gilson Iannini e Paulo Beer – produziram efeitos entre psicanalistas, filósofos e no espaço acadêmico interessado na problemática da verdade e da pós-verdade. Já nos títulos de suas obras, lemos: *Estilo e verdade em Jacques Lacan* (IANNINI, 2012) e *A questão da verdade na produção de conhecimento sobre sofrimento psíquico: considerações a partir de Ian Hacking e Jacques Lacan* (BEER, 2020).

Importa assinalar que Iannini e Beer colocam em perspectiva o conceito de “verdade”, ainda que com objetivos e encaminhamentos diferentes. Ambos implicam a Psicanálise de modo consistente, o que nos fornece balizas e, nosso estudo sobre a pós-verdade, estabelecendo contornos à complexa relação entre sujeito e verdade, assim como seus efeitos no laço social: Iannini destaca a dimensão estética para sublinhar a importância da relação entre “semi-dizer” e verdade, na medida em que Lacan refuta a ideia de uma metalinguagem possível, ou seja, que não é possível dizer toda a verdade, ou ainda, a verdade sobre a verdade, principalmente, no que toca à formalização da teoria psicanalítica; Beer, por sua vez, destina sua discussão à esfera científica para a produção de conhecimento, investigando os parâmetros para um possível consenso sobre a verdade, levando em consideração o seu caráter inatingível.

No primeiro trabalho, *Estilo e verdade em Jacques Lacan*, destacamos a afirmação de que “para Lacan, o gesto de recusar a metalinguagem não acarreta a recusa da verdade, [mas] impõe uma reflexão sobre diferentes *modos de refração da verdade* em relação ao saber” (IANNINI, 2012, p. 357, grifo do autor). A relação entre verdade e saber é de grande relevância nesta tese, pois notamos que psicanalistas apontam para a **recusa da verdade** que, como veremos no Capítulo 3, é elidida por meio de um saber suposto, quando abordam a questão da pós-verdade.

Apontando para a questão do estilo como dispositivo para a formalização de impasses na teoria psicanalítica, o autor afirma que “o consentimento com a equivocidade [é] uma etapa necessária para o *desencadeamento do processo de uma verdade*” (IANNINI, 2012, p. 358, grifo do autor). Em outras palavras, equivocidade e verdade caminham lado a lado. Trata-se de considerar que “o ‘semi-dizer’ é a condição de toda enunciação da verdade, inclusive no que tange à escritura conceitual” (*ibidem*, p. 358), por isso, o esforço de formalização teórica, na obra lacaniana, volta-se tanto para a matematização (matema, grafos, topologias, inscrições algébricas), quanto para o poema, ao enunciar aforismas que podem ser vistos como **dimensão**

**estética da verdade**, que desafia saberes, incluindo aí o saber científico. Segundo Iannini, “inicialmente, poderíamos dizer que tanto a Filosofia, quanto a Psicanálise ocupam uma posição um tanto híbrida entre ciência e arte” (IANNINI, 2012, p. 263).

Em *A questão da verdade na produção de conhecimento sobre sofrimento psíquico: considerações a partir de Ian Hacking e Jacques Lacan*, Paulo Beer toca a problemática da verdade na produção de conhecimento, colocando em discussão “a circunscrição do biológico enquanto parâmetro de verdade” e acrescentando que o sofrimento psíquico, abordado sob a ótica deste cientificismo, leva a “um apagamento do debate possível sobre distintas formas do tratamento da questão” (BEER, 2020, p. 11). Em outras palavras, no contexto da produção de conhecimento, Beer entende que Política e Ciência estão engendradas em nossa sociedade, desse modo, a busca da verdade deve ser tratada como uma reunião de elementos epistemológicos, ontológicos, éticos e políticos: “a verdade abarca a relação entre conhecimento e seus objetos, carregando um potencial de justificação e de normatividade” (BEER, 2020, p. 11).

Iannini e Beer tecem importantes fundamentações para a discussão que desenvolvemos, sobre a pós-verdade, nesta tese. Eles levantam aspectos essenciais relacionados ao que subjaz à operacionalização dos discursos e de construções narrativas que os veiculam. Dito de outra forma, os autores tratam de aspectos linguísticos, estilísticos, psíquicos, que são atravessados por nuances políticas e estéticas na produção de conhecimento, no fazer científico, que tem como consequências efeitos nas informações que circulam na esfera social. Emanam de ambos os trabalhos a impossibilidade de se atingir A Verdade como projeto da razão, mas que nem por isso, a verdade não deve ser visada. Ainda que o discurso vigente de nossos tempos enfatize um “ideal cientificista que reduz a verdade ao saber” (IANNINI, 2012, p. 356), A Verdade é – conforme veremos no desdobramento da questão tanto por Iannini como por Beer – antes de tudo, um processo irreduzível ao saber. Assim, fatores sublinhados, na sequência, referentes aos limites da Verdade, estudados pela Psicanálise, serão importantes para analisarmos o sintoma pós-verdade.

Para Beer, a intrusão da política – ainda que esta “seja um elemento central para a consideração da decidibilidade na ciência” (BEER, 2020, p. 13) – no fazer científico, pode resultar “na deslegitimação do trabalho epistemológico e ontológico próprios à prática científica” (ibidem, p.13). Tal intrusão, ou tal composição, compromete(m) o estabelecimento da verdade no fazer científico e na elaboração dos saberes por ele constituídos, acarretados por um relativismo radical.

Beer aponta, juntamente ao obscurantismo, o negacionismo – herdeiro do relativismo radical – como “a nomeação da ideia de que seria possível produzir fatos correspondentes àquilo que se quer defender, basta desenhar bem os parâmetros da pesquisa” (BEER, 2020, p. 15).

No caso de Iannini, ele recorre ao estilo como “uma dimensão estética da verdade que escapa ao saber e à ciência” (IANNINI, 2012, p. 358). Mas, então, como delimitar o estilo senão por sua negatividade, ou seja, por aquilo que “escapa”? Para fornecer uma resposta positiva a esta questão, Iannini diz que “é preciso descobrir a função do objeto causa de desejo na constituição do sujeito” (*ibidem*, p. 304). Em outras palavras se o estilo é causado pelo objeto causa de desejo, “o estilo mostra o que não se deixa dizer” (*ibidem*, p. 304). A questão levantada por Iannini interessa de perto ao nosso trabalho que interroga as narrativas abarcadas na noção de pós-verdade – estas, a nosso ver, aprofundam-se nas fixações, nos objetos que não caem e, por certo, compõem-se de maneira a manter o sujeito eclipsado. Por outro lado, quando falamos do estilo como queda do objeto – como causa do desejo – falamos em “perda de gozo” (*ibidem*, p. 307). A queda do objeto marca o fim da análise, também denominada como a travessia da fantasia que, segundo Iannini, consiste em “esvaziar o objeto da consistência imaginária que garantia a ele [o sujeito] esse lugar determinante das formas de gozar próprias a um sujeito. É, portanto, dar lugar a um objeto como causa de desejo e não mais de gozo mórbido” (IANNINI, 2012, p. 306, grifo do autor).

Fenômenos como negacionismo científico, teorias da conspiração e revisionismo histórico apresentam uma estética afirmativa, sem brechas, que faz o sujeito “eclipsar”, invadido por textos e, também, por imagens. Tais narrativas são alicerçadas em um pretenso saber absoluto que visam obturar a divisão do sujeito, entre saber e verdade, por meio de **construções imaginárias**. Segundo a Psicanálise, a hiância entre saber e verdade é o lugar de elaborações metafóricas do desejo, instaurada no aparelho psíquico como efeito da castração. Pode-se propor que tal obturação promove o “eclipse do sujeito”, na medida em que responde à cilada de uma promessa de suspensão do conflito inaugurado pela cisão do sujeito, realizada pelo recalque, que funda o desconhecimento, mas, por certo, é raiz de uma força interrogante.

Desse modo, uma vez obturada a hiância, que funda o sujeito como desejante, com ela mingua a força interrogante e o brilho do desejo do **objeto** que o causa. A operação alienante, que é notável como efeito nesses tempos de pós-verdade, nos remete ao conceito de **gozo** como um imperativo que barra elaborações e mantém o sujeito na servidão do discurso. Consideramos procedente dizer que nos fenômenos da pós-verdade “faculta[m] a regulação do gozo do

sentido”, ao identificarem “uma verdade totalizante a uma enunciação sem resto” (IANNINI, 2012, p. 358).

Essa operação é base das configurações discursivas da pós-verdade. Recorrer a questões ligadas às **construções narrativas** e a **configurações discursivas** para tratar do tema da pós-verdade (e d’A Verdade) nos termos estabelecidos nesta tese, nos aproxima, irremediavelmente, da **teoria dos discursos**, forjada por Lacan. Adiantamos, portanto, que ela será discutida nos próximos capítulos. Por ora, fiquemos um pouco mais com os autores eleitos pelos motivos já indicados.

### 1.3. Paulo Beer: verdade, produção de conhecimento e sofrimento psíquico

Beer (2020) ressalta, já no resumo de seu trabalho, a importância de “estabelecer um campo em que compreensões normativas sobre o fazer científico possam ser criticadas, sem resultar num tipo de desqualificação do conhecimento produzido” (BEER, 2020, p. 5). Nesse quadro e segundo sua tese, **a verdade** deve ser definida levando-se em conta a reunião de aspectos epistemológicos, ontológicos, éticos e políticos. O estabelecimento da verdade seria guiado, principalmente, pela “definibilidade da pertinência de saberes e proposições” (ou **justificativa** bem demonstrada da verdade das hipóteses levantadas) e pelo (b) valor do “espectro normativo e disruptivo” do empreendimento (isto é, pela possibilidade de estabelecimento de uma *norma* ou de **crítica** a uma norma enunciada a respeito de um objeto (BEER, 2020, p. 11) cuja delimitação conceitual depende, diz o autor, do modo como “estruturamos as possibilidades de conhecimento” sobre ele. Disso decorre que a **verdade** é definível com base na **relação** entre o conhecimento construído e o objeto a que se refere – sua determinação está ligada ao “potencial de justificação e de normatividade (e de disfunção)”, “a verdade, assim como o conhecimento científico, apresenta um **caráter contingente e variável**” (BEER, 2020, p.12) (ênfase nossa).

Questão relevante para esta tese é também levantada por Beer, em sua discussão, qual seja, aquela que diz respeito aos “efeitos de uma **mudança na definição da verdade** quando entra em pauta a problemática do sofrimento psíquico. Essa questão traz à cena a Psicanálise e a busca de reconhecimento do dinamismo de seu arcabouço conceitual que, apesar da consistência de sua prática e de sua teoria, diz o autor, é confrontada com parâmetros de cientificidade próprios das Ciências Biológicas, o que cria dificuldades e embaraços na busca de validação de suas hipóteses e procedimentos. Pode-se entrever que, mesmo na esfera do fazer científico, a complexidade de determinação de parâmetros, que balizem a definição da

verdade, do empreendimento, é complexa. Tal complexidade é dilatada quando a ela aspectos políticos estão envolvidos.

Beer aponta para o “potencial conflitivo” (2020, p. 12) que a interferência do político acrescenta à definição da verdade na medida em que um mesmo enunciado pode ser mobilizado para fins totalmente divergentes. Ele acompanha a filósofa Isabelle Stengers, quando diz que se “a política [é] um elemento inescapável para pensar a ciência, [isso] não significa que o campo científico possa ser reduzido ao político” (BEER, 2020, p. 13, grifo do autor). Reduzir a Ciência à Política resulta, conforme Beer, “na deslegitimação do trabalho epistemológico e ontológico próprios à prática científica” (*ibidem*, p. 13). Oras, deslegitimizar tais esferas do fazer científico é movimento enraizado no negacionismo científico e em outros fenômenos discursivos próprios da pós-verdade.

Não se deve confundir o caráter variável de resultados científicos com um “relativismo radical” (BEER, 2020, p. 13) que se sustenta na ideia de que a produção de conhecimento pode ser totalmente **moldada de acordo com os objetivos daqueles que constroem**, sem qualquer observância de balizas e critérios convencionados, a respeito do fazer científico. O relativismo suspende a verdade e leva ao descrédito de qualquer conhecimento científico. No espaço do relativismo radical, a “denúncia” de objetivos e métodos científicos estabelecidos serviria, diz Beer, como argumento em prol da sua deslegitimação. “O denunciante ganharia legitimidade de afirmar o saber verdadeiro, uma vez que ele não partilhar dos vícios dos denunciados” (BEER, 2020, p. 13-14).

Uma forma de resistência a tal “usurpação política” da Ciência e do fazer científico, seria, sugere Beer, adotar: “uma prática **pública em relação a seus processos de produção de conhecimento** e transmissibilidade, que possa sempre ser questionada e reinventada a partir de parâmetros compartilhados de racionalidade” (BEER, 2020, p. 14, ênfase nossa).

Ainda que o autor delimite a amplitude dessa proposta, ele a toma como um “ponto de partida” que se erige como resistência à recusa e desqualificação de dados cientificamente recortados e testados. Segundo Beer, “basta desenhar bem os parâmetros da pesquisa (...) para que seja possível produzir fatos correspondentes àquilo que se quer defender” (BEER, 2020, p. 14), ou seja, basta submeter-se ao rigor conceitual da Ciência e a procedimentos firmemente a ele articulados: a produção de “fatos alternativos”, ignorante do processo científico, caminha na linha obscurantista do negacionismo científico, própria do “relativismo total” que aponta,

diz Beer, para “o fracasso de posicionamento dos realistas e internalistas em sustentar o funcionamento da prática científica” (BEER, 2020, p. 15).<sup>34</sup>

De acordo com Beer, diferentemente do fenômeno contemporâneo de produção de “fatos alternativos” – característica da discursividade inerente a fenômenos da pós-verdade –, estes fatos conduzem à “deslegitimação relativista ao limite”, importante é, sustenta o autor, “discutir a **questão da verdade** [que adentra] problemáticas simultaneamente epistemológicas, ontológicas e políticas, algo que deve ser feito a partir da **consideração do posicionamento ético** demandado por tal tarefa.” (BEER, 2020, p. 16-17).

Coloca-se, aqui, o gesto necessário de “demarcação entre ciência e não ciência”, como indica Beer (2020, p. 17), voltando-se para a Filosofia. Com Stengers, ele afirma que tal decisão se articula, justamente, à questão da verdade, uma vez que a fronteira principal, que separa o que é Ciência do que não é, aproxima-se daquela que distingue saber, verdade e ficção. Nesse ponto, Beer introduz Lacan e Hacking, seus principais autores de referência, para os quais a Ciência Moderna “teria como traço certo desinteresse (ou rejeição) pela questão da verdade” (BEER, 2020, p. 17), deixando-a aberta para a Filosofia. Na raiz desse desdém estaria, esclarece Beer, o caráter variável e contingente do conhecimento.

Este argumento parece conviver com a ideia de que a Ciência deve chegar à verdade absoluta, indiscutível – até A Verdade, assinala Beer, que, nesse ponto, aproxima-se do foco do objeto central de pesquisa, qual seja, a “produção de conhecimento no tratamento psíquico”, contestando a “aposta biologicista da Psiquiatria atual” (BEER, 2020, p. 18), que afirma, como direção eficiente e única para o tratamento do sofrimento psíquico, a via medicamentosa. Ele chama a atenção para a declaração feita, em 2013, pelo Instituto Nacional de Saúde Mental norte-americano [*National Institute of Mental Health*], quando vem a público, afirmando seu rompimento com o *Manual Diagnóstico Estatístico*, conhecido como DSM5<sup>35</sup>.

Beer fundamenta sua afirmação, indicando a posição tomada, em 2013, pelo diretor do *Nacional Institute of Mental Health*, que incorpora como diretriz do diagnóstico de doenças mentais “a genética, imagens e ciências cognitivas”, como bases sólidas para o estabelecimento de um sistema mais científico de classificação (INSEL, 2013; *apud* BEER, 2020, p. 19). O autor deixa clara a direção biologizante da Psiquiatria, que invade projetos de saúde mental, inclusive

<sup>34</sup> Beer combate qualquer tipo de radicalismo e aproxima-se de dois filósofos da Ciência do século 20, que levaram ao que ficou conhecido como *Science Wars I*: Thomas Kuhn (1922-1996), um “relativista”, e Bruno Latour (1947). O primeiro, “introduziu de maneira incontornável a centralidade da história para pensar a filosofia da ciência” (BEER, 2020, p. 15).

<sup>35</sup> Tal declaração veio acompanhada da suspensão de financiamento para pesquisas apoiadas no DSM. O argumento central era o da não cientificidade do manual.

no Brasil. Ele faz menção ao Centro de Referência da Infância e Adolescência (CRIA), que critica abertamente o embasamento científico da Terapia Psicanalítica. Escutemos o autor: “aprofundou-se a aposta em um modelo medicalizado para o tratamento do sofrimento psíquico; e [em] práticas sem qualquer tipo de embasamento ou discussão pública [...]” (BEER, 2020, p. 15). Nesse ambiente, a verdade científica estaria profundamente “*baseada em evidências*” decorrentes de estudos epidemiológicos, que assumem, como “evidência forte”, resultados de centenas de “experimentos randomizados” (*ibidem*, p. 19). Convém assinalar que tal direção metodológica tem se tornado “sinônimo de legitimidade”, tendendo à “correspondência entre evidência e verdadeiro” (*ibidem*, p. 18-19), que, por certo, barra qualquer discussão de natureza filosófica, como pontua o autor. Vale acrescentar que ao recuo da Filosofia, corresponde, igualmente, o da Ética – porta aberta para a produção de “dados alternativos”, procedimento típico na pós-verdade. A Psicanálise, nesse ambiente, fica desqualificada como “fazer científico”, por não se adequar a esta “racionalidade evidencialista” (BEER, 2020, p. 20).

A questão que o autor se coloca é a de entender o que seria “evidência”, o que não é noção nada fácil de circunscrever com precisão. A definição de Erwin (2015) é tautológica, redundante. Ele<sup>36</sup> diz que “algo só pode ser considerado uma evidência se e somente se for uma evidência” (ERWIN, 2015 *apud* BEER, 2020, p. 20). Beer diz que, nesses moldes, “a definição daquilo que é evidência não é assim tão evidente” (BEER, 2020, p. 21) – o que não exclui a possibilidade de reconhecer que algo possa ser evidente. A condição é considerar a evidência como inerente à “estruturação do processo de produção de conhecimento – [ela] deve ser localizada dentro do sistema de pensamento que a sustenta” (BEER, 2020, p. 21).

Após criticar o “empirismo ingênuo” (BEER, 2020, p. 81), que se sustenta numa racionalidade que dá suporte a Psiquiatria e, também, a Erwin, Beer levanta a questão da verdade. Nesse ponto, insistindo na importância dessa discussão para a Ciência, ele recorre à Filosofia, afirmando que “a pergunta sobre a verdade seria justamente o definidor do campo da filosofia” (*ibidem*, p. 22), o que torna a relação entre Ciência e Filosofia necessária. Frente à dificuldade de chegar a uma definição consensual sobre verdade, o autor conclui ser possível “conjuguar diferentes teorias da verdade” (BEER, 2020, p. 23).

Admitindo que Hacking e Lacan, autores de referência no trabalho de Beer, não se debruçam sobre a problemática da verdade no sentido de oferecer uma proposta de teoria sobre o tema, Beer justifica sua escolha por eles, na medida em que oferecem elementos importantes

---

<sup>36</sup> Beer parte de uma crítica à proposta de cunho empírico do texto “*Psychoanalysis and philosophy of Science: basic evidence*” (2015), de Edward Erwin.

para a questão que lhe é cara: a verdade no tratamento do sofrimento mental (BEER, 2020, p. 24). Nas palavras de Beer: “o trânsito [de leitura] entre [Hacking e Lacan] disponibiliza parâmetros de grande valor [...] para se pensar a verdade enquanto uma questão que reúne epistemologia, ontologia, ética e política [...]” (BEER, 2020, p. 24).

Hacking interessa na medida em que, diz Beer, não deixa de considerar “o campo da história enquanto algo incontornável” (*ibidem*, p. 24). Hacking recorre ao pensamento de Foucault, tornando “sensível a questão da verdade e do conhecimento em suas relações com o poder” (*ibidem*, p. 24). Ao lado deste aspecto político, o filósofo enfatiza, acrescentando às concepções foucaultianas, a “estabilidade do conhecimento como algo que deve ser pensado a partir da pertinência de suas bases epistemológicas e ontológicas” (*ibidem*, p. 25) – aspectos, que, como disse, são essenciais na definição de verdade na esfera do conhecimento científico para Beer. De interesse particular é o que Hacking considera sobre a verdade. Segundo ele, ela se situa entre “o histórico e o atemporal”, ou mesmo, ela é “da ordem do impossível”, na medida em que há “**modalidades de veracidade, entendidas como possibilidades de enunciação do verdadeiro**” (ênfase nossa): há “estilos de raciocínio” (BEER, 2020, p. 25)<sup>37</sup>. A verdade se desloca para o campo da veracidade, que não exclui, diz Hacking, a possibilidade de um “critério externo para a garantia da veracidade”, o que não reduz, em sua opinião, a relação entre verdade e veracidade a uma relação de correspondência entre um dito e uma exterioridade (HACKING, 2015 *apud* BEER, 2020, p. 25).

Quanto aos “efeitos ontológicos da produção de conhecimento” (BEER, 2020, p. 25), Hacking aponta para a “dimensão ética” envolvida nesta produção. (HACKING, 2015 *apud* BEER, 2020, p. 26). O que mais interessou a Beer, no pensamento de Hacking, foi, como ele diz, seu “trabalho consistente sobre transtornos mentais, contendo possibilidades de interlocução com a Psicanálise” (BEER, 2020, p. 26). Segundo Beer, Hacking

se debruça num estudo detalhado de duas patologias mentais – a múltipla personalidade e a fuga histérica –, apresentando-as enquanto efeitos de questões culturais estabelecidas e, acima de tudo, da inserção do discurso científico na sociedade (BEER, 2020, p. 26).

---

<sup>37</sup> A respeito da palavra “estilo”, presente no título de nosso segundo autor de referência, Gilson Iannini, Beer - que também se apoia, ainda que pouco e pontualmente, no texto de Iannini - esclarece em nota de rodapé: “Para além da simples concordância no emprego do termo “estilo” em Hacking e Iannini (2012), acreditamos que o modo como o psicanalista e filósofo brasileiro encaminha a questão poderia abrir outras possibilidades de discussão, não menos interessantes ou pertinentes. Se pudemos contar com seu trabalho enquanto um guia nesse campo, infelizmente não foi possível, dadas as limitações de nosso projeto, enveredar por essas vias.” (BEER, 2020, p.163)

#### 1.4. A Efeitos de outra racionalidade: A Verdade entre conhecimento e estilo

Lacan é essencial neste ponto do traçado da discussão de Beer para explicar a novidade da Psicanálise quanto ao tratamento da verdade em seu corpo teórico. Lacan reconhece que, desde Freud, **a verdade é questão central** para a Psicanálise, invocada em diferentes momentos e tempos da obra freudiana. Beer adota duas vertentes para lidar com a questão da verdade na Psicanálise: (1) relação entre saber e verdade e (2) o estilo de raciocínio no tratamento da verdade.

Beer destaca que tanto para Freud, quanto para Lacan, A Verdade não é unicamente histórica, mas “centro causal” e “operador clínico” (BEER, 2020, p. 27). O autor indica o “déficit de verdade enquanto causa de sofrimento” e coloca sua recuperação enquanto sinal de avanço no tratamento” (BEER, 2020, p. 27). Nesse caso, “tanto o recalque quanto seu levantamento (...) orbitariam em torno da questão da verdade” (*ibidem*, p. 27-28).

Em Lacan, diz Beer, a questão da verdade circula em diversos momentos da obra num “processo dialético” (BEER, 2020, p. 28). A verdade, ali, ganha a tonalidade de “manifestação de um erro, uma vez que ela tem seu efeito a oposição ao que estava estabelecido” (*ibidem*, p. 28), em outras palavras, Lacan aponta para o “**descompasso entre realidade e discurso, ao mesmo tempo que é nomeação da impossibilidade desse descompasso**” (*ibidem*, p. 28). Nessa dialética, a **verdade** tem como alvo a **negação do saber**.

a verdade se constitui enquanto algo que se **presentifica em determinado momento** e que inaugura um novo desenvolvimento. Ou, também, como aquilo que ficaria **escrito enquanto ausência para além do enunciado do saber**: no corpo, nos arquivos, nas tradições e nos vestígios (Lacan, [1953a]1966/1998). E isso inclui, também, as chamadas formações do inconsciente: chistes, sonhos, atos-falhos, todos enquanto **precipitadores de verdades**. (BEER, 2020, p. 28, grifos nossos).

Resumidamente, A Verdade aparece nos furos do saber como irrupção. Tem-se, nessa afirmação, um compromisso, podemos dizer, com a **ética do inconsciente** – e exige de o analista sustentar que A Verdade do inconsciente irrompe enigmática em manifestações inesperadas ou se escreve como ausência-presença, como lemos na citação. Trata-se mesmo de um estilo muito único de racionalidade.

A isso, Beer acrescenta que a verdade – doravante essas emergências inconscientes enunciadas pelo paciente, articuladas à interpretação – teria a chance de produzir “um efeito de inversão, de inauguração de uma novidade a partir da negação de uma narrativa cristalizada” (BEER, 2020, p. 28), quer dizer, num saber alienante. Esta formulação apresentada por Lacan ([1951] 1966/1998) é, segundo Beer, “compatível com o que já afirmara alguns anos antes, em

‘Formulações sobre a causalidade psíquica’, sobre a inescapabilidade e o valor da verdade no pensamento psicanalítico” (BEER, 2020, p. 29). Naquele texto, Lacan afirma **A Verdade como “desvelamento”**. Entende-se, reconhece Beer, que Lacan diga que a verdade tenha relação íntima com a negatividade. Importante acrescentar que, este efeito de desvelamento, “se estabilizaria enquanto outra forma de saber, deslocando a verdade para outro lugar” (BEER, 2020, p. 29). Em ensaio posterior, “A Ciência e a Verdade” (1966/1998), Lacan assume a **verdade enquanto disparidade entre discurso e realidade**, assinala Beer (2020). Trata-se, nesse ponto, de situar a verdade no abismo entre a **realidade** da falta do pênis na mãe e o que o sujeito constitui como defesa para negar a castração. Assim, Lacan conclui esse texto:

Lembremos onde Freud desata: na falta do pênis da mãe em que se revela a natureza do falo. O sujeito divide-se ali, diz-no Freud a respeito da realidade, ao mesmo tempo vendo abrir-se o abismo contra o qual se protegerá com a fobia, e, por outro lado, cobrindo-o com a superfície em que erigirá o fetiche, isto é, a exigência do pênis como mantida, ainda que deslocada (LACAN, [1966] 1988, p. 892).

O inconsciente introduz no cenário do fazer teórico um “estilo de raciocínio particular”, como dito acima, o que, sem dúvida, envolve dificuldade na disseminação do saber produzido. Nisso reside os embaraços com que lida a Psicanálise na comunicação do conhecimento por ela produzido. A relação entre saber e verdade é, como vimos, inusitada e, diz Beer:

Se há uma tensão entre saber e verdade, a produção de conhecimento deve ser questionada sobre qual o lugar da verdade em seus processos, e quais os efeitos das possibilidades de tratamento da verdade. (BEER, 2020, p. 30-31)

Na Psicanálise, o caráter refratário do inconsciente, e, portanto, da Verdade, representa, como diz Beer, uma “dupla inscrição enquanto impossibilidade” (BEER, 2020, p. 31). A Psicanálise assenta o inconsciente como “falta constitutiva” (*ibidem*, p. 31) e A Verdade como intangível. A centralidade desta falta conduz à negatividade como fundamento. Beer acrescenta a tais elaborações que a racionalidade impressa na teorização da Psicanálise impõe o tratamento ético da verdade. Beer acompanha Stengers, que sustenta que a Ciência Moderna “não pode ser separada de sua dimensão política”, ou seja, que tem poder de determinação “do que pode ser verdadeiro” (*ibidem*, p. 246-247), já que, propõe Stengers, somente ela, a Ciência, tem poder de “demarcação”, ou seja, de separar o saber científico de outros saberes, pela via de uma “justificação” solidamente estruturada (BEER, 2020, p. 247).

### 1.5. Gilson Iannini: estilo e verdade

A Psicanálise introduz um novo “estilo de racionalidade”, como lemos acima em Beer, o que desloca, de forma radical, a discussão sobre a verdade e a realidade. Passamos, a seguir,

para um autor que centraliza o problema da relação **estilo e verdade** em sua discussão. Iannini (2012) dá esse passo e o título de seu trabalho é *autoevidente: Estilo e Verdade em Jacques Lacan*. Note-se que a menção a Lacan circunscreve o escopo de seu trabalho, ele implica, como disse, “outra racionalidade”, entretanto, veremos que estilo tem em seu trabalho sentido bem particular, ou seja, estilo como “modo de dizer a Psicanálise”, no caso, um modo lacaniano de discutir Freud e a relação entre estilo, verdade e saber.

O autor inicia sua exposição apontando para o suposto paradoxo da coexistência entre “dois axiomas de Lacan a respeito da verdade: (i) **há verdade**; (ii) **não há verdade da verdade**” (IANNINI, 2012, p. 19, grifo nosso) Esta dupla afirmação retoma comentários presentes na Introdução, quando apresentamos Iannini, defendendo que “para Lacan, o gesto de recusar a metalinguagem não acarreta na recusa da verdade, [mas] impõe uma reflexão sobre diferentes **modos de refração da verdade em relação ao saber**” (IANNINI, 2012, p. 357, grifos nossos). O autor aponta para a possibilidade de se “dizer sempre a verdade, mas de nunca poder dizê-la toda” (*ibidem*, p. 19), aproximamo-nos, com isso, da máxima já enunciada nesta tese, qual seja: A Verdade é intangível, o que levanta questões particulares no âmbito da Psicanálise. Para Iannini, deve-se considerar que há “uma verdade que sempre encontra uma maneira de se manifestar”, porém, é preciso que tenhamos a “garantia de que saibamos reconhecê-la” (IANNINI, 2012, p. 19).

Segundo o autor, a maneira de escapar da contradição aparente nas duas afirmações que ele faz sobre A Verdade (há verdade, mas não há verdade...) é investir na discussão do estilo, ou melhor, do “estilo, ou de como dizer o que se diz” (IANNINI, 2012, p. 20). A partir deste ponto ele penetra diretamente na questão da verdade colocando em perspectiva a obra freudiana e lacaniana. Segundo ele, o inconsciente freudiano “concerne não apenas ao estatuto do sujeito e à história do desejo, mas também a natureza e aos contornos da verdade” (*ibidem*, p. 21). Se Freud se esforçou em várias direções para situar a Psicanálise no campo da Ciência, “ainda que fosse uma ciência especial’ (*Spezialwissenschaft*)” (*ibidem*, p. 21), diz o autor, Lacan dedicou-se ao longo de sua obra, à “problematização do estatuto da verdade – e de suas relações com o saber”, interrogando a partir daí “as próprias pretensões científicas da psicanálise” (*ibidem*, p. 22). Trata-se de encadear o estatuto da verdade: “pela ciência, incapaz de economizar os impasses da formalização [da psicanálise] e pelo estilo, como uma estratégia de formalização de impasses” (IANNINI, 2012, p. 22).

Assim, quando o autor nos diz que, “a psicanálise representa um sismo nas pretensões e nos contornos da racionalidade moderna”, ele afirma que “Lacan oferece uma alternativa

proficua para o problema da verdade na contemporaneidade, que ultrapassa o seu interesse clínico” (IANNINI, 2012, p. 23). Assim, além de questionar os limites e perspectivas da verdade para a Psicanálise, Iannini questiona, “as repercussões disso para os domínios conexos à psicanálise, sobretudo para a Filosofia” (*ibidem*, p. 23). Para Iannini, pensar em uma nova racionalidade, sem cair no irracionalismo, considerando os impasses na formalização, significa “pensar o *estatuto da verdade* em uma disciplina [a Psicanálise] cujo objeto define-se pela sua resistência à apreensão conceitual clássica” (*ibidem*, p. 23).

### 1.6. O “inconsciente freudiano”: a nova racionalidade

Acompanhemos Iannini na montagem argumentativa de seu texto, lembrando que peças conceituais estão nela impressas. Falaremos sobre inconsciente, sujeito e desejo, para daí mirarmos a relação estilo e verdade. Da “postulação freudiana” de “que *há* pensamento inconsciente”, Lacan deriva a “*subversão do sujeito*” e a “*dialética do desejo*”, dispondo, segundo Iannini, “o sujeito do inconsciente ao lado e em oposição ao objeto e ao Outro” (IANNINI, 2012, p. 22). Dos desdobramentos lacanianos a respeito da postulação freudiana, Iannini retira que “há alguma coisa no campo do objeto que resiste a integração, tanto simbólica quanto fantasmática” e que há um “desconhecimento (*méconnaissance*)” constitutivo do sujeito, já que se há inconsciente, “a divisão *lhe* é inerente” (*ibidem*, p. 22). Temos que à descoberta freudiana do inconsciente corresponde a suspensão da unidade subjetiva concentrada na consciência, suposição que é a da Filosofia.

Segundo Iannini, a resposta de Lacan para a nova racionalidade diante do estatuto da verdade atravessado pela Psicanálise envolve recusas, quais sejam: a “essência platônica ou o Deus veraz cartesiano”, também, a saída heideggeriana de “pensar a verdade sob a rubrica de uma revelação originária do Ser”, além das “soluções lógico-positivistas, de cunho correspondencialista ou verificacionista” (IANNINI, 2012, p. 23).

Neste diálogo com a Filosofia, podemos pensar que a realidade se aproxima da ideia freudiana de “cena”, que é solo de outra: a de “fantasia”, como berço da Verdade do sujeito. Convém acrescentar que apesar de Lacan afastar a solução matemática de Descartes na busca da verdade, que assenta a **metalinguagem** com saída única para o problema (LIER-DEVITO, a sair), ele não desemboca num “relativismo de cunho pós-moderno”, assinala Iannini (IANNINI, 2012, p. 24).

Em *Estilo e verdade*, ele sustenta que Lacan, frente à **impossibilidade de representação** do objeto de desejo do sujeito pela linguagem, como afirmado desde Freud na Psicanálise,

elabora uma “*estilística do objeto*” (IANNINI, 2012, p. 24, grifo nosso). Em palavras do autor: “O estilo, nessa vertente, será **o modo pelo qual o sujeito pode criar algo em torno do vazio de referência inerente ao desejo...**” (ibidem, p. 24, grifo nosso). As ênfases na citação acima são nossas e têm o objetivo de destacar significantes como “impossibilidade de representar” e “criar algo”, que colocam em oposição “representação do objeto” e “criação de realidade”, que migra para a esfera do psiquismo, da realidade psíquica (LIER-DEVITO, a sair), determinante da “verdade do sujeito”.

A “função do estilo”, diz Iannini, levam em consideração o **conteúdo, a forma e a estratégia do discurso**; leva em conta tanto as “especificidades do objeto teórico da psicanálise” – o inconsciente –, quanto “todo pensamento que queira romper com o paradigma clássico de representação”, mantendo-se distante do “cientificismo” (IANNINI, 2012, p. 25).

Neste ponto, Iannini se aproxima da questão da pós-verdade e das *fake news*, apontando, no horizonte do cientificismo, para “as diversas formas de **recusa** da verdade que dão a tonalidade relativista de certas vertentes do pensamento contemporâneo, do neopragmatismo ao desconstrutivismo” (IANNINI, 2012, p. 25, grifo nosso), que observamos nos fenômenos negacionistas, conspiracionistas e revisionistas que citamos na Introdução da presente tese.

**O estilo está marcado pela “materialidade da palavra”**, aponta Iannini, “pela relativa autonomia do significante em relação ao sentido e pela experiência de sua incompletude” – de que decorre uma teoria singular das “**relações entre saber e verdade**” (IANNINI, 2012, p. 25). Nesse cenário, a discussão sobre a verdade liga-se ao discurso, ou seja, “o discurso deve ser consistente em sua *maneira de dizer* com aquilo que se diz” (IANNINI, 2012, p. 25). A verdade do discurso só pode ser corretamente avaliada “se levarmos em consideração a **dignidade ontológica do sem-sentido**” (ibidem, p. 25). É, portanto, decisivo rastrear índices para contornar a dificuldade de inclui-los na estrutura do discurso.

No capítulo introdutório de seu livro, Iannini aborda temas importantes para a discussão sobre a verdade na Psicanálise.<sup>38</sup> Na sessão nomeada como “Freud e a cena da verdade”, o autor trata do que ele chama de “fanatismo obstinado do fato enquanto tal” (IANNINI, 2012, p. 30), referindo-se a alguns pontos da obra de Freud, e tecendo comentários sobre as direções que Lacan dá à questão da verdade. A respeito dos textos freudianos, Iannini passa pelo “Projeto para uma Psicologia científica”, de 1895, por uma carta a Fliess (1897), pelo texto de 1920,

---

<sup>38</sup> Iannini trata desta questão em cinco seções de seu livro, quais sejam: “Freud e a cena da verdade”; “Algumas precisões metodológicas: filosofia, psicanálise e clínica”; “Da prosopopeia ao não-todo da verdade”; “A Psicanálise habita a linguagem, mas ainda não se deu conta disso”; e “Onde as luzes fazem furo”.

“Para além do princípio do prazer”, e por um dos últimos trabalhos de Freud, “Esboço de psicanálise” (1938). Nesse percurso, Iannini destaca momentos em que Freud se interroga a respeito da verdade e, principalmente, a respeito de como este conceito opera na teoria e na clínica psicanalítica. O autor ressalta a obsessão de Freud pelo “fato enquanto tal” (IANNINI, 2012, p. 31), mas note-se: “fato clínico”, “fato linguístico”, “fato discursivo” e não fato externo, acontecimento de realidade.

“Essa objetividade do fato clínico, será tratada por Lacan em termos de verdade. Um dos resultados de tratar o material clínico segundo categorias como saber e verdade é a possibilidade de desmistificar um certo realismo epistemológico que ainda insistia aqui e ali nas formulações de Freud” (IANNINI, 2012, p. 31).

Sem dúvida, desde o *Projeto*, Freud propõe um aparelho neuronal composto por “sistemas responsáveis pela percepção, memória e consciência” (IANNINI, 2012, p. 26). No *Projeto*, mostra Iannini, tem-se já uma diferença entre “verdade” e “ficção investida de afeto”. Interessa, neste ponto, tocar na questão da realidade, sempre indissociável daquela da Verdade.

Iannini nos diz que, em Freud, é a inibição do curso dos processos psíquicos primários que fornece os “índices” ou “signos” de realidade. O Eu seria instância responsável pela tarefa de inibição; ele teria a capacidade de distinguir verdade de ficção, esta última, investida de afeto. (FREUD, 1995 [1895], p. 36-38 *apud* IANNINI, 2012, p. 26).

Mudança de rumo aparece numa carta a Fliess. Nela, Freud sublinha a precariedade do Eu e da consciência, aliada do Eu na tarefa de “distinguir uma representação interna (memória) e uma percepção atual (verdade material)” (IANNINI, 2012, p. 26). Para Fliess, Freud escreve que: [...] não existe no inconsciente **nenhum índice de realidade**, de tal modo que não é possível distinguir, uma de outra, a verdade e a ficção investida de afeto” (FREUD, 1956, p. 191 *apud* IANNINI, 2012, p. 26, grifo nosso).

Muitos anos depois, Freud “concebe os órgãos sensoriais como dispositivos, que não apenas recebem estímulos, mas, também, protegem o aparelho psíquico, apacando intensidade e, assim, elaborando “quantidades mínimas de *stimuli* externos” (IANNINI, 2012, p. 26). No que diz respeito “às ficções investidas pulsionalmente, o Eu também ficaria igualmente em apuros para decidir sobre a verdade factual” (IANNINI, 2012, p. 27), já que os estímulos internos não possuem um órgão sensorial capaz de fazer essa mediação. Note-se que Freud suspende de saída a verificação da verdade, por correspondência, conforme presente na Filosofia. A realidade em Freud não é transparentemente tangível como fato dado, seguro: “[há] alguns obstáculos que se interpõe ao acesso que o sujeito [teria] à verdade” (IANNINI, 2012, p.27), conforme postulado no espaço filosófico.

Lembremos que mesmo advogando em favor da vocação científica da Psicanálise, foi na Mitologia (e não na Biologia) que Freud encontrou a maneira de teorizar sobre as pulsões, manifestando “confiança inabalável no valor cognitivo da ficção e do mito” (IANNINI, 2012, p.27). Foi este o “modo de dizer de Freud”, seu estilo de abordar “as sutilezas e contradições de um objeto teórico que tem por natureza escapar por entre as malhas do conceito” (IANNINI, 2012, p.27), assinala Iannini.

Para o autor, desde 1895, está presente “o fundamento longínquo da ideia da estruturação ficcional da verdade e do carácter metafórico do saber, [que será] desdobrado por Lacan” (IANNINI, 2012, p. 29).

Após tais considerações teóricas, Iannini trata da “dialética entre o desejo e a alteridade”, assinalando, de início, ser estruturante “a inevitável **inadequação** entre o polo subjetivo e o polo objetivo”, lembrando que o desejo responde “à impossibilidade dessa adequação, chama[da] Coisa” (IANNINI, 2012, p. 29, grifo nosso). Decorre, de tal inadequação estrutural, a “**estrutura ficcional da verdade** [a que se] **a impossibilidade de dizê-la toda**” (*ibidem*, p. 29-30, grifo nosso). Sim, afirma Iannini, Freud dirá, na sequência argumentativa de sua obra, que “**a verdade surge da equivocação** (parapraxias) ou do sem-sentido” (*ibidem*, p. 30, grifo nosso), como nos sonhos, nos chistes, nos lapsos, nos atos falhos.

A seção seguinte, nomeada “Algumas precisões metodológicas: Filosofia, Psicanálise e Clínica” (IANNINI, 2012, p. 32), é dedicada à apresentação da estratégia adotada por Iannini para lidar com a heterogeneidade conceitual no campo teórico da Psicanálise. Ao mesmo tempo, ele introduz a problemática inerente a este campo em que a validação de hipóteses depende de referência a materiais clínicos; lembrando que a obra de Lacan prescinde de exemplos clínicos: “a clínica nunca é convocada para ‘ilustrar’ a teoria” (*ibidem*, p. 32). A rigor, na Psicanálise, a validação não se dá por correspondência entre o que é dito e a ocorrência, nem o dito na clínica também não é exemplo da teoria. Lacan, segundo Iannini, ensina que, tendo em vista “a negatividade da linguagem em relação à realidade”, não se deve admitir que “discurso e objeto são duas realidades separadas e independentes” (*ibidem*, p. 32-33). Como vimos, realidade é, na Psicanálise, “realidade psíquica”. Não há dúvida que o discurso tem algo a ver com as coisas, mas é justamente **nesse contato**, neste ponto de encontro, que realidades psíquicas se transmutam em “coisas”. Nesse ponto, Lacan é seminal ao afirmar, diz Iannini, que tanto “a palavra não é signo da coisa que ela chega a ser a própria coisa” (LACAN, 1998, p. 156 *apud* IANNINI, 2012, p. 33).

Segundo Iannini, há dificuldades metodológicas na obra lacaniana. Para o autor, elas decorrem do recurso ao discurso científico e filosófico, muitas vezes presente em suas discussões na abordagem da “lógica freudiana” (IANNINI, 2012, p. 33). Termos como “sujeito”, “saber”, “objeto”, “verdade”, entre outros, são oriundos da Filosofia e, quando empregados no ensino de Lacan, que se sustenta sobre as noções de inconsciente e pulsão, ficam condenadas a um impasse que demanda leitura criteriosa e exigente para que possa render frutos para a Psicanálise.

Entende-se então que o recurso lacaniano ao discurso filosófico deva ser lido como baliza negativa e não de aproximação. Não é diferente o que se pode dizer-quanto ao recurso à Literatura, à Linguística, à Antropologia e outros campos.

Nesse entrecruzamento complexo de referências a esferas diferentes do saber com a Psicanálise, Lacan, diz Iannini, “nunca obedeceu a nenhum parâmetro acadêmico” (IANNINI, 2012, p. 35). Ele manteve-se fiel à sua racionalidade própria da Psicanálise.

Neste ponto, podemos indicar que a solução de Iannini para contornar as dificuldades metodológicas apontadas, por ele, na obra lacaniana, foi destacar conceitos filosóficos importantes e tecer uma trama de referências incontornáveis ao tratamento do tema da verdade no conjunto da obra de Lacan.

Assim, Iannini apresenta alguns de seus principais autores estudados em cada etapa de sua pesquisa: Hegel para abordar a irredutibilidade da Verdade ao saber; Heidegger e Carnap, para abordar as relações entre linguagem e verdade; Tarski e Jakobson, para abordar as relações entre sentido e verdade; Wittgenstein, para abordar a “cientificidade da psicanálise”; Adorno, para abordar o problema do estilo; Descartes, para abordar o estatuto do Outro; e Frege para abordar os impasses da formalização (IANNINI, 2012, p. 35).

Na seção “Da prosopopeia ao não-todo da verdade”, Iannini (2012) dá início a sua reflexão com o texto “A coisa freudiana” (LACAN, 1988, [1956/1966]), seguido de outro, “Televisão” (LACAN, 2003 [1973]). Estes dois trabalhos lacanianos condensam, segundo ele, dois tempos de elaborações a respeito da Verdade, sendo que, sustenta ele, um paradigma da verdade não anula o outro, embora possam ser distinguidos da seguinte maneira: em “A coisa freudiana”, ensina Iannini, a verdade está “inscrita sob a rubrica da *contingência*”, relacionada à “*estrutura da linguagem, sujeito do inconsciente, e da falta constitutiva*” (IANNINI, 2012, p. 37).

Para Lacan dos anos 1950-1960, a verdade desliza, segundo Iannini, “no universo da **contingência**” (p. 36 [ênfase nossa]), caracterizada como: “A gramática do desejo puro, a estética do *ex-nihilo*, o paradigma trágico da ética, a clínica do nome-do-pai, bem como a estrutura como operador epistemológico fundamental” (IANNINI, 2012, p. 36).

Em *Televisão*, a verdade é “pensada sob o regime do **impossível**” (IANNINI, 2012, p. 37, grifo nosso), relacionada a conceitos como “*alíngua, falasser e gozo*”. Vejamos:

Uma lógica da pulsão, uma estética do real, uma ética do bem-dizer, a clínica dos nós, assim como o matema como o operador epistemológico fundamental: estamos diante de uma constelação bastante diversa em muitos aspectos, aquela que atravessa a década de 1970. (IANNINI, 2012, p.37).

O trabalho de diferenciação entre os dois paradigmas de verdade (*dóxa* lacaniana) é, assim, resumido por Iannini:

da Coisa ao objeto, ou da verdade do desejo puro ao saber acéfalo da pulsão. Essa passagem da contingência ao impossível tem efeitos na disposição dessas diferentes constelações, e vice-versa. O simbólico, por exemplo, não tem a mesma consistência se apreendemos a partir da perspectiva da contingência e da Coisa ou a partir do impossível e do objeto; uma certa precariedade do simbólico se desvela à medida que nos aproximamos do real. (IANNINI, 2012, p.37)

Como se vê, Iannini organiza os passos textuais e temporais no deslocamento do conceito de verdade ao longo de 20 anos no ensino de Lacan. A tese de Iannini é então enunciada, qual seja: “apesar de todos os remanejamentos da doutrina e da clínica, Lacan mantém suas teses centrais a respeito da verdade –**impossibilidade da metalinguagem e irreducibilidade da verdade ao saber**” (IANNINI, 2012, p. 38, grifo nosso).

Na seção seguinte, “A Psicanálise habita a linguagem, mas ainda não se deu conta disso”, Iannini introduz alguns esclarecimentos concernentes à **coextensividade do campo da Psicanálise ao campo da linguagem** (IANNINI, 2012, p. 38)<sup>39</sup>. O argumento do autor parte da tese lacaniana de que a Psicanálise “habita a linguagem” (IANNINI, 2012, p. 38). Esta tese, sustentada ao longo de seu ensino entre 1953 e 1980<sup>40</sup>, leva à afirmação de uma homologia entre “a estrutura do inconsciente e a estrutura da linguagem” (*ibidem*, p. 38). Importa lembrar que homologia não é identidade, entende-se porque Lacan tenha dito que o inconsciente é

<sup>39</sup> Nesta seção, Iannini recorre ao texto “Penso onde não sou, sou onde não penso”, do psicanalista Serge Cottet, para tratar da reformulação conceitual da Psicanálise para o campo da Linguística. Cottet, S. (1987[1989]). Penso onde não sou, sou onde não penso. In G. Miller (Org.). *Lacan* (pp. 11-23, L. Forbes, Trad.). Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1999.

<sup>40</sup> Iannini delimita o seu trabalho entre esses anos em que aconteceram os seminários de Lacan. “Comentar o pensamento lacaniano no período precedente (de 1932 a 1953) ... constituiria um trabalho diferente”, “tarefa já realizada por Simanke (2002)” (IANNINI, 2012, p. 39). Cf. SIMANKE, R. *Metapsicologia lacaniana, os anos de formação*. São Paulo: Discurso; Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

estruturado **como** uma linguagem. Situado na relação com a linguagem fica marcado que: “o inconsciente não é uma entidade psicológica dotada de profundezas” (IANNINI, 2012, p. 38), diverso é dizer que o sujeito é efeito de um discurso que o determina e cujo sentido lhe escapa.

Na Psicanálise lacaniana, o campo da linguagem, contudo, não se restringe, indica Iannini, ao registro do simbólico, mas se enlaça ao registro do imaginário e do real; o que torna fundamental apreender conceitos do método psicanalítico. Decisivo é, também, não reduzir a linguagem à função da fala no interior do paradigma da comunicação” (IANNINI, 2012, p. 40). De fato, diz Iannini, ao “negligenciar os fundamentos da *talking cure* [incorre-se] no erro de circunscrever a Psicanálise a um ramo da Psicologia geral” (*ibidem*, p. 40).

Vale lembrar, a este respeito, que em “O discurso de Roma”, de 1953, Lacan trata de “distinguir a fala e a linguagem, isto é, discernir uma função e um campo” (IANNINI, 2012, p. 40). Seu empenho destinou-se a delimitar a experiência psicanalítica – clínica, teórica e discursiva – ao campo da linguagem. Dessa maneira, o maior desafio de Lacan foi, segundo Iannini, “passar da linguagem ao sujeito, a partir da estrutura do inconsciente; Lacan situa o inconsciente “como o termo médio que permite passar da linguagem ao sujeito”, sustentando a ideia de que “a subjetividade se funda na linguagem” (IANNINI, 2012, p. 41).<sup>41</sup>

Referindo-se, ainda, ao “O discurso de Roma”, Iannini aponta para o conhecido ataque de Lacan à tendência desvirtuada da Psicanálise nos anos entre 1930 e 1940, que a levava rumo a uma Psicologia do Ego. Já no ensaio “Função e campo da fala e da linguagem” (1953) – que, como sabemos, corresponde, nos *Escritos* (1998), ao discurso proferido em Roma – “o símbolo será definido como estrutura e a linguagem como limite do campo psicanalítico” (IANNINI, 2012, p. 42). Nesse contexto, acrescenta Iannini, a linguagem ganha a qualidade de meio para a constituição: do campo epistêmico, conceitual da Psicanálise, em que teoria e prática encontram sua estrutura e delimitação.

Bem próximo de Saussure (1916), Lacan pressiona o signo e destaca o significante, sublinhando a necessária articulação da cadeia para que significado e comunicação possam emergir como efeito; em outras palavras, “o significante, sozinho, não refere nem comunica: precisa encadear-se simbolicamente, imiscuir-se no imaginário, tocar o real, etc.” (IANNINI, 2012, p. 42).

---

<sup>41</sup> Lacan recorre a filósofos como Descartes, Hegel, Heidegger, entre outros, não apenas a fim de justificar uma *práxis*, mas fazendo de sua reconstrução da Psicanálise também uma intervenção nos quadros mais gerais do pensamento – ver Iannini sobre isso.

Da força resultante da implicação da linguagem no campo psicanalítico, decorre, igualmente, sua participação na definição do sujeito. Resumidamente, a partir de Lacan, o campo da linguagem passa também a ser referência para “elaboração conceitual da Psicanálise” (IANNINI, 2012, p. 43)<sup>42</sup>.

Ganha força e sentido, assim, a afirmação intrigante de que: “a Psicanálise é uma ciência, melhor, um discurso à procura de um idioma” (*ibidem*, p. 44). Idioma, este, que será formalizado por Lacan em *O avesso da Psicanálise* (1969 -1970), em que ele elabora **estruturas do discurso**. Sob esta ótica, a teoria psicanalítica é deslocada “do domínio do *aparelho psíquico*, da *vida mental* e da *representação* para o domínio do *aparelho de linguagem*, do *sujeito* e do *significante*” (IANNINI, 2012, p. 44).

Da leitura do livro de Iannini, pode-se recolher que o encontro de Lacan com a Linguística, leva-o a trabalhar conceitualmente termos tais como: signo, significante, cadeia e discurso, e o conduz, igualmente, à recusa da metalinguagem como recurso de escrita e demonstração. Não há metalinguagem, para falar da linguagem – apenas linguagem. Este foi o caminho de Lacan em sua “[fidelidade] à vocação científica que Freud nunca abandonou” (IANNINI, 2012, p. 45). Vejamos, Iannini mostra que “como Galileu proclama que ‘a natureza está escrita em caracteres matemáticos’, Lacan insiste que ‘o inconsciente está estruturado como uma linguagem’” (*ibidem*, p. 45). Neste caso, aquilo que está *para além* ou *aquém* da linguagem, será, na obra lacaniana, tratado como “falta, limite, buraco, furo. [...] como aquilo do Real que padece do significante” (*ibidem*, p. 45).

Note-se que, tomar o partido da linguagem é também tomar distância de Galileu, ou seja, da indicação do imperativo de que a ciência deva adotar a escrita matemática, quer dizer, uma metalinguagem. Lacan, como vimos e insistimos, recusa tal escrita na Psicanálise. Em outras palavras, não há “Outro do Outro” (*ibidem*, p. 46), ou seja, a possibilidade de uma metalinguagem. Entendamos a objeção de Lacan: “nenhuma formalização da língua é transmissível sem o uso da própria língua” (LACAN, S. XX, p. 161 *apud* IANNINI, 2012, p.49)<sup>43</sup>.

Encontrar os fundamentos que a Psicanálise toma da Linguística e na linguagem consiste em restituir, diz Iannini, “‘o grão da verdade’ da experiência freudiana. É, pois, sob o crivo da

---

<sup>42</sup> Gostaria de reiterar que a concepção lacaniana do sujeito é impulsionada desde seu texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953), onde Lacan defende que a linguagem é, nos planos ôntico-ontológico e ético, condição do inconsciente e, nos planos epistemológico e estético, condição da Psicanálise.

<sup>43</sup> Em nossa edição do Seminário 20 (Zahar, 2008), esta citação se encontra na página 127.

*verdade* que Lacan pretende submeter seu projeto de reconstrução da Psicanálise” (IANNINI, 2012, p. 46).

Acompanhando nosso autor, lemos que, no campo da linguagem, Lacan busca restaurar “a experiência do processo de uma verdade”, cruzando, “de lado, a noção de estrutura de linguagem e, de outro lado, a dialética hegeliana do saber e da verdade” (*ibidem*, p. 46).

Iannini sublinha que desde o encontro de Lacan com a Linguística, “a verdade aparece na experiência analítica como um *processo* ordenado segundo uma certa **lógica** e uma certa **dialética** – a lógica do significante e a dialética do desejo” (IANNINI, 2012, p. 47). Iannini, então, aponta para o problema com o qual Lacan se depara ao “prescindir do caráter profilático, até mesmo terapêutico, que o recurso a metalinguagem disponibilizaria”), problema que se desdobra, segundo Iannini, “em questões concernentes à natureza da verdade e ao problema do estilo” (*ibidem*, p. 47). Ele sugere ser necessário considerar que Lacan insistiu na relevância do “cofuncionamento de estratégias discursivas”, qualificadas como “ciência e estilo, ou, se quisermos, matema e poema” (*ibidem*, p. 48).

Essas questões – incluindo a estrutura paradoxal da Verdade (há Verdade e não há Verdade da Verdade) como método na Psicanálise – remetem a temas relativos à: (1) “posição do analista e ao estatuto e aos limites da interpretação e do ato”; (2) à “formação do analista”, pensando na questão da análise didática como uma suposta “garantia última do ato analítico”; e, (3) ao “final da análise” (IANNINI, 2012, p. 47). Iannini pensa que a crítica à metalinguagem “permite pensar uma verdade ‘subjéctiva’, despojada de garantes simbólicos, e que se manifesta muito mais num certo estilo de sintoma” (*ibidem*, p. 47).

Na seção de seu livro, intitulada “Onde as luzes fazem furo”, Iannini introduz estratégias importantes à construção teórica psicanalítica, não deixando de lado os impasses de formalização que Lacan buscou contornar forjando esquemas, topologias, matemas, conjuntos, grafos e, finalmente, o nó borromeano, que enlaça Real, Simbólico e Imaginário. Segundo Iannini, este aparato compõe “o dispositivo maior que torna possível repensar o estatuto da experiência analítica e da teoria” (IANNINI, 2012, p. 48).<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Iannini, apoiado em Jacques-Alain Miller, indica que a tríade R-S-I sustenta as elaborações de Lacan e se tornar o seu objeto essencial - não apenas conceitual, mas matemático e material” (MILLER, 2005, p. 7 *apud* IANNINI, 2012, p. 48-49).

Ocorre que, segundo Lacan, “mesmo a mais completa formalização, nunca é sem resto”, assinala Iannini: “a linguagem ‘natural’ ou ‘ordinária’ é o **reino da equívocidade**” (*ibidem*, p. 50, grifo nosso).

Lacan é afetado por Roman Jakobson (1960), quem situa a experiência poética no interior do campo da linguagem, o que favoreceu a possibilidade de aproximar o feito jakobsoniano de atos falhos, relatos de sonhos, lapsos, chistes, das composições delirantes da psicose e do sintoma – todos eles, acontecimentos que ficam para fora dos limites da formalização científica, ou, como assinala Iannini “sob a rubrica geral dos *impasses da formalização*” (IANNINI, 2012, p. 51). De fato, Lacan é exigido a incorporar estes *semi-dizeres*, que são um impossível para a racionalidade científica, a escrita e a formalização da Psicanálise. Essa questão é de interesse para Iannini que sustenta as duas vertentes que orientam a formalização em Lacan: a lógica (matemas, topologias e nó) e a literatura (estilo e semi-dizer) (*ibidem*, p. 52).

No último capítulo de *Estilo e verdade*, Iannini, como escreve, “investiga as modalidades discursivas de enunciação da Psicanálise” (IANNINI, 2012, p. 58). Dentre essas modalidades, estão os usos científico e poético da linguagem, que o levam a tratar, dentre vários temas, a **estrutura ficcional da verdade**, assim como mostrar desenvolver uma discussão a respeito da tese lacaniana de que o **semi-dizer é a lei formal de toda a enunciação da Verdade**. Nesse ponto, chegamos pela via da Psicanálise à concepção filosófica e científica de que A Verdade é inatingível.

Podemos concluir a apresentação e a discussão do trabalho de Iannini dizendo que seu objetivo foi demonstrar que o caráter cético da verdade, em Lacan, fortalece a tese da irredutibilidade da verdade ao saber. Já o caráter dialético, processual da verdade<sup>45</sup>, “implica que *o consentimento com a equívocidade do sentido é o que condiciona o desdobramento do processo de uma verdade*” (IANNINI, 2012, p. 59).

O trabalho de Iannini que sucede, nesta tese, o de Beer, nos aproxima de maneira mais focal do problema da verdade na Psicanálise. Ambos as publicações se articulam em torno da temática da verdade e dos impasses que ela impõe ao pensamento. Ambos preparam a discussão sobre a pós-verdade que é central em nosso trabalho.

---

<sup>45</sup> Iannini esclarece que Badiou afirma que a verdade tem duas qualidades: a *cética*, caracterizada como “ausência de um critério de verdade, o que distancia a Verdade tanto de um princípio de adequação, quanto de um princípio de certeza”; e a *dialética*, que representa a Verdade “como um processo estruturado e não como revelação originária” (BADIOU, 2003, p. 16 *apud* IANNINI, 2012, p. 56).

Encerramos este capítulo com uma citação de Vladimir Safatle, no prefácio do livro de Iannini, que é relevante para as discussões que encaminhamos nos capítulos posteriores, qual seja, a de que a

natureza performativa da linguagem resulta em uma construção, não apenas da maneira como a fala opera no interior da relação analítica, mas também do modo como ela se desenvolve enquanto fenômeno social (IANNINI, 2012, p. 16).

Desta maneira, nossa suposição é que a função performática da linguagem pode incluir a possibilidade de ela ser instrumento de produção de sentidos comprometidos com uma ideologia para fins de dominação política. Ela é, capaz de criar “objetos que interferem na estrutura mesma do nosso padrão de racionalidade” (IANNINI, 2012, p. 16). Por isso, interessamos esse livro, que traz em seu conteúdo esta modalidade de formalizar sobre o dizer da Verdade e que, mesmo não a dizendo toda, não se contenta “com sentimentos de irrealidade e inverdade, com experiências de impossibilidade de expressar socialmente, de fazer reconhecer a natureza de nossas escolhas” (*ibidem*, p. 16), que o sintoma social da pós-verdade se empenha, através de seus agente e suas narrativas manipuladas, tamponando os furos e as faltas com sentidos, mesmo que absurdos.

## REFERÊNCIAS

- AB’SÁBER, Tales. **Discurso e (pós) verdade**. São Paulo. Parábola Editorial, 2021.
- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Trad. Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- ALTHUSSER, Louis [1969-1970] 1996a, p. 105 a p. 145 – *In: Um mapa da ideologia*/Theodor W. Adorno [et al] – organização Slavoj Žižek – tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Contraponto, 1996.
- BIBLÍA CATÓLICA. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br>
- BRAUNSTEIN, Néstor. **Gozo**. Tradução de Monica Seincman. São Paulo. Escuta, 2007.
- DESCARTES, René – **Discurso do Método** (1637) *In: Vida e Obra*. São Paulo, Editora Nova Cultura Ltda, 1999.
- DESCARTES, R. **Meditações concernentes à primeira filosofia nas quais a existência de Deus e a distinção real entre a alma e o corpo do homem são demonstradas - In** Coleção Os Pensadores. São Paulo. Abril Cultural, 1973.
- DIAS, Mauro Mendes. **O discurso de estupidez**. 1ª Ed. São Paulo. Iluminuras, 2020.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Descartes e o Método Psicanalítico** – PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia (aprovado em 25/05/08). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v1n1/v1n1a15.pdf>. Acesso em 21jun.2022.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **O Discurso do Capitalista: Espectros de Marx em Milão**. *In: Teoría y Crítica de la Psicología - 13* (2019), 108-130. Disponível em: <http://www.teocripsi.com/ojs/> (ISSN: 2116-3480).
- DUNKER, C. **Subjetividade em época de pós-verdade**. *In: Ética e pós-verdade*. Porto Alegre. Ed. Dublinense, 2017.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** (1920-1923) – tradução Paulo César de Souza – São Paulo. Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise** *In: Obras Completas*, vol. 13: (1916-1917) – tradução de Sergio Tellaroli – São Paulo. Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, S. **“Neurose e psicose”**. *In: S. Freud Obras Completas*. Vol. 16. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2011 [1924a].
- \_\_\_\_\_. **“A perda da realidade na neurose e psicose”**. *In: S. Freud Obras Completas*. Vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2011 [1924b].
- GARWOOD, Chistine. **Flat Earth: The history of an infamous idea**. New York, Thomas Dunne St. Martin’s Press, 2007.
- IANNINI, Gilson. **Estilo e verdade em Jacques Lacan**. Rio de Janeiro. Ed. Autêntica, 2012.
- JERUSALISNKY, J. **"Em tempos do triunfo perverso da estupidez, é possível sustentar a subversão do sujeito do desejo?"** *In: Psicanálise, clínica e cultura*. Organização de Michele Kamers, Marco Antonio Coutinho Jorge, Rosa Maria Marini Mariotto. 1ª ed. Salvador. Ágalma Psicanálise, 2021 – ISBN 978-65-86488-07-4.

KAUFFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise /o legado de Freud e Lacan** - título original: *L'apport freudien: éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse*. Tradução de Vêra Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1996. ISBN: 85-7001-360-7

KREITNER, Richard. **“Post-Truth and its consequences: what a 25-year-old essay tells us about the current moment”**. *The Nation*. 30 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/archive/post-truth-and-itsconsequences-what-a-25-year-old-essay-tells-us-about-the-currentmoment/>. Acesso em: 19 nov. 2021

LACAN, Jacques (1901-1981) – **Outros Escritos**/Jacques Lacan (tradução Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles). Rio de Janeiro. Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. (1972) - Discours de Jacques Lacan à la Univerité de Milan le 12 mai 1972. *In Lacan in Italia* (1953-1978). Milão: Salamandra, pp. 32-55. Tradução de Sandra Regina Felgueiras, co-tejada com o texto em francês Lacan, J. Discours de Jacques Lacan à la Université de Milan le 12 mai 1972. *In: Lacan in Italia* (1953-1978). Milão. Salamandra, 1972, pp. 32-55.

\_\_\_\_\_. **“Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise”** (1953). *In: Escritos*. Rio de Janeiro. Zahar, [1966] 1998.

\_\_\_\_\_. **“A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise”** (1956). *In: Escritos*. Rio de Janeiro. Zahar, [1966] 1998.

LACAN, J. O seminário, livro 3: **as psicoses** (1955-1956). 2ªed. Revista. Rio de Janeiro. Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. Seminário, livro 4: **A relação de objeto** (1956 -1957). Rio de Janeiro. Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. Seminário, livro 8: **a transferência** (1960-1961). 2ª ed. Rio de Janeiro. Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. Seminário, livro 10: **A angústia** (1962 -1963). Rio de Janeiro. Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. Seminário, livro 16: **de um outro ao outro**. Rio de Janeiro. Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. Seminário, livro 17: **O avesso da psicanálise** (1969 -1970). Rio de Janeiro- Universidade de Milão, em 1972. Jorge Zahar Ed., 1992.

\_\_\_\_\_. Seminário, livro 18: **de um discurso que não fosse semblante** (1971). Rio de Janeiro. Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. Seminário, livro 19: **....ou pior**. Rio de Janeiro. Zahar, 2012.

\_\_\_\_\_. Seminário, livro 20: **mais, ainda** (1972-1973). 3ª ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2008.

LEMONS, André. **Dataficação da Vida**. *In: Dossiê: Digitalização e Dataficação da Vida: Pervasividade, Ubiquidade e Hibridismos Contemporâneos*. Civitas, Rev. Ciênc. Soc. 21 (2). Maio-Agosto, 2021.

MAURANO, D. **Um estranho no ninho ou a Psicanálise na universidade**. *In: Lacan e a formação do psicanalista*. Marco Antônio Coutinho Jorge (Org.). Rio de Janeiro. Contra capa, 2006.

- MILNER, Jean-Claude. **Linguística e Psicanálise**. Rev. Estud. Lacan. Belo Horizonte, v. 3, n.4, p.p-pp, 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 29 mar. 2022.
- MILLER, Jacques-Alain. **Os seis paradigmas do gozo**. In: Opção Lacaniana online nova série. Ano 3. Número 7, março, 2012 - ISSN 2177-2673. Disponível em: [http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_7/Os\\_seis\\_paradigmas\\_do\\_gozo.pdf](http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf)
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia** - texto preparado por Eduardo Garc. A Belsunce e Ezequiel Olaso. Traduzido do espanhol por António José Massano e Manuel Palmeirim. Lisboa. Publicações Dom Quixote, 1978.
- Oxford Dictionaries. Word of the year 2016 is.... **Oxford**, 2016. Disponível em: <<https://languages.oup.com/word-of-theyear/2016/>>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- GARCIA, Rafael. **7% dos brasileiros afirmam que a Terra é plana, mostra pesquisa**. Folha de São Paulo. 14 jul. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/2019/07/7-dos-brasileiros-afirmam-que-terra-e-plana-mostra-pesquisa.shtml>. Acesso em: 13 out. 2022.
- QUINET, Antonio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia**. Rio de Janeiro. Zahar, 2006.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento** – tradução de Paulo Neves. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **História da Psicanálise na França – A Batalha dos Cem Anos** – Volume 2: 1925-1985 - Título original: *histoire de la psychanalyse en France. 2 (1925-1985)* – *La bataille de cent ans* (revisão técnica de Luiz Alfredo Garcia-Roza). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor Ltda, 1988.
- ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. In: **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1998.
- ROWBOTHAM, Samuel B. **Astronomia zetética: a terra não é um globo!**. Tradução: Everaldo Robson Tolvai. Chapecó, Edição em PDF, 2016.
- SAFATLE, Vladimir. **É racional parar de argumentar**. In: *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre. Ed. Dublinense, 2017.
- SANTAELLA, Lucia. **Presente do futuro**. (entrevista concedida à TV Cultura - 27 de março de 2022). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I97XjEne0y4>. Acesso em: 05 maio. 2022
- SANTOS, Tania Coelho dos. **Desmentido ou inexistência do Outro: a era da pós-verdade**. In: *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, 11(22), 4-19, 2016.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1857-1913) – **Curso de linguística geral**/Ferdinand de Saussure; organização de Charles Bally e Albert Sechehaye – 28 ed. – São Paulo. Cultrix, 2012.
- TESICH, Steve. “The Watergate Syndrome: the government of lies”. **The Nation**, Nova York, 6 jan. 1992.
- TOTH, Robert C. (6 august 1969) “**Flat Earth Society Leader Scoffs at Apollo 11**”. *The Anniston Star*. Los Angeles Times Service. (p.9A) Retrieved 9 – january, 2020 – via *Newspapers.com*

ŽIŽEK, Slavoj. **Multiculturalismo ou a lógica cultural do capitalismo multinacional**. *In*: DUNKER, Christian; PRADO, José (Orgs.). *Zizek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo. Hacker, 2005. (p. 11-45).

ŽIŽEK, Slavoj – **Pandemia: Covid 19 e a reinvenção do comunismo** (tradução de Artur Renzo) 1ª ed. – São Paulo. Boitempo, 2020.

ŽIŽEK, Slavoj – **Barbárie Com Face Humana – A Ucrânia segundo Lênin, Stálin e Putin** – (tribuna livre da luta de classes) – Revista Piauí, 2014. Disponível em: [//piaui.folha.uol.com.br/materia/barbarie-com-face-humana/?amp](http://piaui.folha.uol.com.br/materia/barbarie-com-face-humana/?amp)

ŽIŽEK, Slavoj. **Em defesa das causas perdidas**. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo. Biotempo, 2011.

ŽIŽEK, Slavoj. **Os quatro discursos de Jacques Lacan** (completo) - Tradução: Rodrigo Nunes Lopes Pereira. *In*: *Natureza em close*, 2012. Disponível em: <http://naturezaemclose.blogspot.com/2012/02/os-quatro-discursos-de-jacques-lacan.html>

ŽIŽEK - Slavoj Zizek vs Vivek Chibber: What Is Ideology? - 31 de mar. de 2022 – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rLNSzxxEbKU>. Acesso em: 10 jun. 2022.